



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Instituto Multidisciplinar em Saúde
Campus Anísio Teixeira



GABRIEL PEREIRA MENDES

**O PAPEL DA COMUNICAÇÃO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO
SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES SURDOS FILHOS DE PAIS OUVINTES**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Instituto Multidisciplinar em Saúde
Campus Anísio Teixeira



GABRIEL PEREIRA MENDES

**O PAPEL DA COMUNICAÇÃO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO
SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES SURDOS FILHOS DE PAIS OUVINTES**

Trabalho de conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Instituto Multidisciplinar em Saúde, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Área de Concentração/CNPQ: Desenvolvimento Humano e Práticas Educativas na Saúde

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edi Cristina Manfroi

Co-orientadora: Prof. Ma. Máyra Ribeiro

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA
2024**

Biblioteca Universitária Campus Anísio Teixeira – SIBI/UFBA

M538

Mendes, Gabriel Pereira.

O papel da comunicação familiar no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos filhos de pais ouvintes / Gabriel Pereira Mendes. -- Vitória da Conquista, BA: UFBA, 2024.

77 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edi Cristina Manfroi.

Coorientadora: Prof.^a Máyra Ribeiro.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Instituto Multidisciplinar em Saúde, 2024.

1. Surdez. 2. Psicologia do Adolescente. 3. Relações Familiares.
I. Universidade Federal da Bahia, Instituto Multidisciplinar em Saúde.
II. Manfroi, Edi Cristina. III. Ribeiro, Máyra. IV. Título.

CDU: 159.92:612.858.7(813.8)(043.3)

GABRIEL PEREIRA MENDES

**“O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO
SOCIOEMOCIONAL DE ADOLESCENTES SURDOS FILHOS DE PAIS
OUVINTES”**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Psicologia da Saúde e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal da Bahia.

Vitória da Conquista – BA, 14/06/2024.

Prof.^a Dr.^a Edi Cristina Manfroi (Orientadora)
(Universidade Federal da Bahia-IMS)

Prof.^a Dr.^a Monalisa Nascimento dos Santos Barros (Examinadora Interna)
(Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia)

Níliã Maria de Brito Lima Prado

Prof.^a Dr.^a Níliã Maria de Brito Lima Prado (Examinadora Interna)
(Universidade Federal da Bahia-IMS)

Prof.^a Dr.^a Janaina Cabello (Examinadora Externa)
(Universidade Federal de São Carlos)

RESUMO

Introdução: No nascimento de uma criança surda se estabelece uma diferença fundamental no modo como a comunicação acontece entre ela e seus pares ouvintes. A longo prazo, a forma como a deficiência auditiva é abordada pode implicar em prejuízos ao desenvolvimento da linguagem e de áreas que dependem da comunicação para acontecer. O presente estudo objetivou compreender o papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos. **Metodologia:** Considerando o proposto, a pesquisa se orientou por uma metodologia qualitativa, transversal e de carácter exploratório. Participaram da pesquisa quatro adolescentes entre 12 e 18 anos, fluentes em Língua Brasileira de Sinais e filhos de pais ouvintes do município de Vitória da Conquista-BA. Como critérios de inclusão, foram considerados o nível de perda auditiva, o momento da vida em que ocorreu a perda e a composição familiar considerando adolescentes surdos filhos de pais ouvintes. Não foram incluídos na amostra adolescentes surdos com deficiência intelectual, surdo cegos ou que façam uso de tecnologias de apoio como amplificadores ou próteses auditivas. Como instrumentos, foram utilizados um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra e uma entrevista semiestruturada individual abordando temas da percepção do adolescente sobre as interações comunicacionais na família e sua relação com competências de reconhecimento, expressão, uso e regulação das emoções em si e nos outros. As entrevistas foram registradas em áudio e vídeo e o conteúdo transcrito, tabulado e analisado a partir da Análise de Conteúdo de Bardin. **Resultados:** Foram identificadas duas categorias e cinco subcategorias, a saber: 1. Modos de comunicação e 2. Competências emocionais. Como subtópicos decorrentes das dimensões das competências emocionais, foram identificadas as dimensões: 2.1. Identificação das emoções; 2.2. Expressão emocional e 2.3 Regulação emocional. **Discussão:** A língua media as interações comunicacionais que possibilitam o desenvolvimento de habilidades importantes ao longo da vida. Para pessoas surdas usuárias da Libras, a característica gestovisual da língua de sinais favorece a identificação precisa das emoções a partir do reconhecimento de expressões faciais e pistas contextuais. Entretanto, o aprendizado tardio da língua e o contato restrito com referenciais surdos prejudica o desenvolvimento de um vocabulário adequado para a diferenciação e expressão satisfatória das emoções. Como consequência, a regulação emocional da pessoa surda pode ser prejudicada. **Considerações finais:** Com os dados analisados foi possível desenvolver os seguintes produtos: (1) Artigo de revisão narrativa da literatura; (2) Artigo de Relato de pesquisa empírica; (3) Proposta de grupo para orientação parental e apoio de pais ouvintes com filhos surdos. O estudo esteve alinhado aos objetivos do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde (PPGPS) ao identificar demandas e necessidades em saúde no âmbito individual e coletivo. Seu produto, propõe o desenvolvimento de práticas educativas de educação em saúde, estando em consonância com o programa e critérios da CAPES. Além disso, contou com a participação de alunos da graduação voluntários e bolsistas ao longo da execução, possibilitando a integração entre alunos da graduação e pós graduação.

Palavras-chave: Psicologia; surdez; relações familiares; ajustamento emocional; adolescência.

ABSTRACT

Introduction: At the birth of a deaf child, a fundamental difference is established in the way communication occurs between them and their hearing peers. In the long term, how hearing impairment is addressed can imply impairments in language development and areas that rely on communication to occur. The present study aimed to understand the role of family interactions in the socioemotional development of deaf adolescents. **Methodology:** Considering the proposed objective, the research was guided by a qualitative, cross-sectional, and exploratory methodology. Four adolescents between 12 and 18 years old, fluent in Brazilian Sign Language and children of hearing parents from the municipality of Vitória da Conquista-BA, participated in the study. Inclusion criteria considered the level of hearing loss, the timing of the loss, and families composed of adolescents with non-hearing-impaired parents. Adolescents with intellectual disabilities, deaf-blind individuals, or those using supportive technologies such as amplifiers or hearing aids were not included in the sample. As instruments, a sociodemographic questionnaire was used to characterize the sample, and a semi-structured individual interview addressing themes of the adolescent's perception of communication interactions within the family and their relationship with recognition, expression, use, and regulation of emotions in themselves and others. The content was transcribed, tabulated, and analyzed using Bardin's Content Analysis (2011). **Results:** Four categories and five subcategories were identified, namely: 1. Modes of communication and 2. Emotional competencies. As derivative subtopics of emotional competency dimensions, the dimensions were identified as: 2.1. Identification of emotions; 2.2. Emotional expression, and 2.3. Emotional regulation. **Discussion:** Language mediates interactions that enable the development of skills that reverberate throughout life. For deaf individuals who use sign language, the gestural-visual characteristic of sign language facilitates the precise identification of emotions based on recognizing facial expressions and contextual cues. However, late language acquisition and restricted contact with deaf role models hinder the development of adequate vocabulary for differentiating and satisfactorily expressing emotions. Consequently, emotional regulation in deaf individuals may be impaired. **Final considerations:** With the analyzed data it was possible to develop the following products: (1) Narrative literature review article; (2) Empirical research report article; (2) Group proposal for parental guidance and support for hearing parents with deaf children. The study was aligned with the objectives of the Postgraduate Program in Health Psychology (PPGPS) by identifying health demands and needs at the individual and collective level. Its product proposes the development of educational health education practices, in line with the CAPES program and criteria. In addition, it had the participation of volunteer undergraduate students and scholarship holders throughout the execution, enabling integration between undergraduate and postgraduate students.

Keywords: Psychology; deafness; family relations; emotional adjustment; adolescence.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

CIL - Central de Interpretação de Libras.

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

IMS-CAT - Instituto Multidisciplinar em Saúde - Campus Anísio Teixeira.

LaPICC - Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo Comportamental.

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais.

NEEDH - Núcleo Especializado em Desenvolvimento Humano.

PROPAIS II - Programa de Orientação de Pais.

UFBA - Universidade Federal da Bahia.

USP- Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVOS.....	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
3. METODOLOGIA.....	12
3.1 Local da Pesquisa.....	12
3.2 Participantes.....	12
3.2.1 Critérios de Inclusão.....	13
3.2.2 Critérios de Exclusão.....	13
3.3 Instrumentos de Pesquisa.....	13
3.4 Procedimentos de Coleta dos Dados.....	14
3.5 Procedimentos de Análise dos Dados.....	15
4. ASPECTOS ÉTICOS.....	15
5. PRODUTOS.....	16
5.1 Artigo de Revisão Narrativa.....	16
5.2 Artigo Empírico.....	31
5.3 Produto Técnico Tecnológico (PTT).....	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE A - Questionário Sociodemográfico Critério Brasil.....	67
APÊNDICE B - Entrevista Semiestruturada.....	69
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	71
APÊNDICE D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).....	74

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2021) estima que 5,0% da população mundial, 369 milhões de pessoas, convivem com a surdez. No Brasil, de acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), 344.206 pessoas não escutam de forma alguma, 1.798.967 possuem grande dificuldade e 7.574.145 possuem alguma dificuldade. Em Vitória da Conquista, terceiro maior município da Bahia contando com 370.879 pessoas, é registrada também a terceira maior população surda do Estado. São 471 pessoas com surdez severa, 2.954 com grande dificuldade e 11.333 que possuem alguma dificuldade em ouvir (IBGE, 2010).

A surdez é uma condição heterogênea vivenciada de maneira única por cada sujeito. O grau e o momento da vida em que acontece a perda auditiva são fatores que diferenciam significativamente as experiências de quem convive com algum grau de surdez (Bisol & Valentini, 2011). O primeiro fator, relativo ao grau da perda, delimita a diferença entre o surdo e o deficiente auditivo (DA). Enquanto surdos, devido à perda auditiva severa ou profunda, são incapazes de usar sua audição com o objetivo de comunicação, deficientes auditivos são afetados, mas não impedidos de usarem sua audição para a comunicação.

O segundo fator a ser considerado, o momento da perda auditiva, afeta significativamente a experiência do sujeito repercutindo em seu desenvolvimento. Segundo Marchesi (1996), quanto mais idade tiver a criança, e quanto maior a experiência com o som e a linguagem oral, mais facilitado será seu desenvolvimento da linguagem. Quando a perda acontece precocemente, durante a gestação ou nos primeiros três meses de vida, o impacto no desenvolvimento é significativamente maior quando em comparação com perdas tardias, o que torna o processo de socialização da criança com seus familiares difícil desde o início (Lobo, 2016).

Considerando que crianças surdas são, em sua maioria, filhas de pais ouvintes (Skliar, 1998), as interações entre os pais e a criança são prejudicadas desde o seu nascimento. Sendo a família o espaço de socialização primária onde acontecem as primeiras trocas entre o sujeito e o mundo, essa diferença pode implicar em um prejuízo significativo no desenvolvimento da linguagem. Como consequência, o desenvolvimento global é afetado fazendo com que esses indivíduos possam se sentir inseguros e retraídos em seus outros relacionamentos e expostos a uma maior vulnerabilidade (Santos & Molon, 2016).

As habilidades socioemocionais podem ser afetadas pela surdez. O desenvolvimento socioemocional ganha significativa importância na literatura nacional e internacional sendo

associado ao ajustamento social (Brasseur et al., 2013), assim como a maiores índices de bem-estar, menor prevalência de sintomas depressivos, maior satisfação nos relacionamentos pessoais e desempenho acadêmico e profissional em adolescentes e adultos (Santos et al., 2018). A baixa linguagem receptiva que pode ser encontrada em crianças e adolescentes surdos, se apresenta como um fator de risco para o desenvolvimento de dificuldades emocionais e comportamentais, bem como maiores taxas de adoecimento mental, baixa percepção de bem-estar e evasão escolar (Stevenson et al., 2017).

As comparações entre as duas composições familiares, filhos surdos de pais ouvintes e filhos surdos de pais surdos, apontam para a possibilidade de que os fatores de risco não estejam relacionados à surdez, mas a forma como ela é cotidianamente abordada gerando exclusão e vulnerabilidade para a pessoa surda. Segundo Lobo (2016), os pais surdos estão melhor familiarizados com as dificuldades cotidianas da perda auditiva, compartilham a língua brasileira de sinais e sabem usar jogos visuais e gestuais. Em contrapartida, os pais ouvintes geralmente têm seu primeiro contato com a surdez no nascimento da criança e não reconhecem a língua de sinais como a língua natural dos surdos. Esse choque entre culturas é um fator relevante nas diferenças entre as duas composições estabelecendo diferenças significativas na qualidade da comunicação.

Na adolescência, a surdez se constitui como uma característica de diferenciação entre o adolescente surdo e seus pares. Se nesse período pode ser difícil lidar com as mudanças físicas e cognitivas da puberdade, para o adolescente surdo é preciso conciliar as transformações características desse período com as barreiras na comunicação (Campache et al., 2019). Além disso, problemas emocionais e de comportamento são mais frequentes em crianças e adolescentes surdos, assim como a incidência de depressão, agressividade, transtorno desafiador opositor e de conduta (Stevenson et al., 2017).

No entanto, essas barreiras não são intrinsecamente relacionadas à surdez, mas surgem da falta de acessibilidade e desconhecimento geral da população sobre a comunidade surda e do papel das Língua Brasileira de Sinais (Thomaz et al, 2020). Nesse contexto, problemas emocionais e de comportamento, assim como diagnósticos em saúde mental, devem levar em consideração o contexto para que não seja atribuída a surdez um diagnóstico que é social.

Nesse período, as limitações nas interações sociais ficam cada vez mais demarcadas para o surdo principalmente em sua família, quando essa é ouvinte, tornando suas relações conflituosas. Nesse contexto, o adolescente surdo rompe suas relações familiares com mais frequência já que essa não consegue suprir suas necessidades de interação cada vez mais complexas e abstratas. Além disso, tem dificuldades em se reconhecer como pertencente a

sua família, enquanto as diferenças em relação aos seus pares ouvintes ficam cada vez mais demarcadas no seu contato com a comunidade surda, que passa então a ser seu referencial nesse processo de desvinculação (Lobo, 2016).

Nos campos da saúde e da educação, a surdez foi compreendida por décadas a partir da lógica da deficiência. O modelo clínico, ou biomédico, entende a condição a partir do déficit auditivo e a incapacidade em detectar, diferenciar e processar sons passa a ser vista, então, como uma anormalidade que precisa ser corrigida. Profissionais que adotam essa perspectiva, direcionam seu trabalho para a reabilitação e priorizam exclusivamente a correção do problema auditivo através do uso de tecnologias de apoio como implantes cocleares ou próteses auditivas e os da fala por meio da aprendizagem da língua oral (Bisol & Valentini, 2011).

Entretanto, essa perspectiva desconsidera que, mesmo com o uso das tecnologias de apoio, existem diferenças na forma como o estímulo auditivo é processado, sendo frequentemente relatados pelos usuários incômodos no uso dessas tecnologias, como a presença de ruídos ou a dificuldade em se habituar ao estímulo auditivo constante (Bisol & Sperb, 2010). A definição orgânica, baseada no déficit auditivo, estabelece uma dicotomia entre normalidade e anormalidade que desconsidera as diferentes formas de viver a surdez.

Nesse contexto, a Língua Brasileira de Sinais é vista como um obstáculo ao desenvolvimento da linguagem, já que proporciona ao indivíduo uma outra forma de interação comunicativa que não a oral. Sendo assim, a relação da produção científica com o tema das línguas gestuais foi então, por décadas, como superá-la (Mascarenhas, 2016). Uma alternativa à compreensão biomédica, a abordagem socioantropológica, compreende o indivíduo surdo a partir de sua identidade, história de lutas e conquistas.

Segundo Strobel (2016), ser surdo é pertencer a uma cultura que possui formas próprias de compreender e intervir no mundo, pertencer a um povo que tem uma língua, ideias, crenças, costumes e hábitos. Isso não significa deixar de lado a perda auditiva, mas, diante disso, considerar o sujeito que vive a experiência de ser surdo. A partir disso, demarca-se a Libras como uma possibilidade de identificação do sujeito com uma comunidade linguística estruturada em torno de signos visuais que possibilitam trocas sociais complexas semelhantes às que acontecem entre os ouvintes (Bisol & Sperb, 2010).

Os impactos da surdez não são limitados às dificuldades cotidianas e alcançam a saúde mental do sujeito que convive com a privação sensorial. A surdez é considerada fator de risco para problemas psicológicos como consequência dos obstáculos da comunicação nas interações cotidianas (Santos & Silva, 2019). Guarinello (2000) aponta a família como o

lugar ideal para dar início ao suporte de base para os surdos. Sendo assim, a questão que norteia o presente estudo é: Como as interações comunicacionais entre familiares ouvintes e sujeitos surdos se relacionam com o seu desenvolvimento socioemocional?

As justificativas para a realização do presente estudo são fundamentadas científica, social e institucionalmente. Compreende-se que a surdez possui implicações no desenvolvimento socioemocional que não é dada pela deficiência em si, mas pelos obstáculos na comunicação entre o surdo e seus pares ouvintes. Nesse sentido, torna-se relevante do ponto de vista social, compreender de que maneira as interações comunicacionais entre familiares ouvintes e adolescentes surdos impactam no seu desenvolvimento socioemocional, visto este ser considerado importante preditor de bem-estar e sucesso pessoal, acadêmico e profissional, a partir da experiência do sujeito que vivencia a condição da surdez.

Do ponto de vista científico, o projeto apoia-se na revisão narrativa da literatura realizada no período de abril a junho de 2023 pelo pesquisador. O levantamento compreendeu o estado da arte nos últimos dez anos nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* Brasil (SciELO), portal regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), National Library Medicine (PubMed), portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e periódico CAPES. Foram utilizados os descritores surdez, deficiência auditiva e perda auditiva, combinados a partir do operador booleano AND com os núcleos de família, relações familiares e adolesc\$. Em inglês foram utilizados os descritores: *Deafness* e *Hearing loss* combinados a partir do operador booleano AND com os núcleos *family*, *family relations* e *adolesc\$*. Termos como: desenvolvimento socioemocional, competência socioemocional ou competência emocional não se encontram indexados na base de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Ao longo da revisão não foram encontrados estudos que discutam a temática do papel das interações comunicativas familiares no desenvolvimento socioemocional em adolescentes surdos. Segundo Thomaz (2020), as propostas que se aproximam do tema da surdez têm seu foco na comparação do desenvolvimento da comunicação oral e escrita entre a criança com deficiência auditiva e seus pares ouvintes. Como resultado da busca foi elaborado um artigo de revisão narrativa que se encontra no tópico: 5.1 Artigo de revisão narrativa, da presente dissertação.

Igualmente com mérito, a justificativa institucional se apoia inicialmente em duas visitas realizadas no período de Junho de 2022 ao espaço da Central de Interpretação de Libras (CIL) do município de Vitória da Conquista. Com o objetivo de reconhecer o funcionamento e as demandas do local, foi conduzida uma entrevista informal com a

coordenadora vigente nesse período. As CIL surgem como parte da política desenvolvida pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República com objetivo de garantir o acesso irrestrito aos serviços públicos a surdos, deficientes auditivos e surdo cegos.

A partir desse encontro, a intérprete-tradutora e coordenadora do serviço evidencia algumas dificuldades encontradas no cotidiano da instituição, como a falta de profissionais e a desvalorização da profissão do tradutor intérprete. No contato com surdos e seus familiares, a CIL torna-se um dos serviços de referência para a comunidade e se depara com demandas que não fazem parte de suas atribuições enquanto política pública. Em seu relato, descreve situações em que as famílias procuram o serviço em busca de mediação dos conflitos entre seus membros ouvintes e o sujeito surdo. Nesse momento, as barreiras comunicacionais se tornam um problema mais evidente. Além disso, os profissionais são requeridos em demandas individuais que frequentemente envolvem aspectos socioemocionais e de saúde mental. Estando deslocada da rede, a CIL encontra dificuldades em realizar encaminhamentos quando necessário e essa não se encontra preparada para atender as demandas da população surda.

Em um levantamento realizado em 2013 nas Unidades de Saúde da Família (USF) na zona urbana e rural do município de Vitória da Conquista apontou para a falta de formação dos profissionais de saúde para atender as demandas da comunidade surda (Reis & Santos, 2019). Dos 92 profissionais, nenhum comunicava-se com a Língua Brasileira de Sinais ou havia realizado algum curso de capacitação ou educação continuada no serviço para a comunicação no atendimento a pessoas surdas. Ainda assim, 70% dos profissionais relataram acreditar que os usuários surdos estavam satisfeitos com o desfecho da consulta realizada o que, no entanto, não compreende a perspectiva dos usuários, não sendo coerente com os resultados encontrados em outras pesquisas que apontam para a insatisfação desse público no acesso aos serviços de saúde (Pires & Almeida, 2016).

O profissional de saúde encontra-se em uma posição privilegiada de intervenção no contexto familiar. A falta de capacitação dos profissionais para o manejo das demandas da população surda aponta para uma lacuna na formação que precisa ser preenchida. Essa evidência empírica aponta para a parcialidade da atenção na Estratégia de Saúde da Família (ESF) e expõe um nível de seletividade, já que a acessibilidade restrita às pessoas surdas rompe o direito universal à saúde e contraria a perspectiva abrangente proposta pela Atenção Primária à Saúde (Reis & Santos, 2019).

Sendo assim, a investigação da temática explora um campo pouco reconhecido e de relevância social, institucional e científica possibilitando o fomento de estudos científicos na

área da surdez. Além disso, seus resultados podem oferecer o aporte necessário para a construção de intervenções voltadas para o público surdo e suas famílias, como a construção de grupos de apoio a familiares/cuidadores de pessoas com deficiência auditiva. Nesses espaços a troca de experiências pode ser positiva na construção de estratégias específicas para o contexto da comunidade surda de Vitória da Conquista - BA.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender o papel das interações comunicacionais entre familiares ouvintes e adolescente surdo no seu desenvolvimento socioemocional.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar a percepção dos adolescentes sobre o seu desenvolvimento socioemocional (1).
- Investigar a percepção dos adolescentes quanto à qualidade das interações comunicacionais familiares (2).
- Analisar a relação da modalidade (oral/gestual) de comunicação no desenvolvimento socioemocional dos adolescentes surdos (3).
- Elaborar proposta de orientação parental e grupo de apoio para cuidadores de adolescentes surdos (4).

3. METODOLOGIA

3.1 Local da Pesquisa

As Centrais de Interpretação de Libras (CIL) são parte da política desenvolvida pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (Brasil, 2013) que tem como objetivo a garantia irrestrita aos serviços públicos a surdos, deficientes auditivos e surdo cegos. Conta com a presença de guias-intérprete em seus espaços físicos responsáveis pela garantia dos serviços oferecidos, levando em consideração o tamanho do município.

Para municípios de grande porte, calcula-se uma média de 200 atendimentos/mês, o que demandaria a presença de 5 a 8 intérpretes na unidade, sendo que a maioria dos atendimentos acontece de forma virtual. Em Vitória da Conquista, município do interior da Bahia, a Central de Interpretação de Libras conta com a presença de três intérpretes tradutores. Em seu espaço físico, conta com três salas para a execução de diferentes

atividades, cadeiras, mesas, computadores e um veículo para deslocamento de equipe em eventuais necessidades.

3.2 Participantes

Foram entrevistados quatro adolescentes surdos entre 12 e 18 anos, fluentes em Libras e filhos de pais ouvintes residentes do município de Vitória da Conquista. A definição da amostra seguiu os parâmetros definidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente (*Lei nº 8.069, 1990*). Os participantes foram acessados a partir dos registros de usuários da CIL, assim como a partir da indicação de profissionais da rede de ensino do município, tradutores intérpretes e membros da associação de surdos. Os seus responsáveis foram convidados para o estudo por meio da rede social *WhatsApp*.

O método definido para a seleção da amostra foi a amostragem por bola de neve. Visto que a população surda é pequena e de difícil acesso, essa é considerada uma técnica de seleção adequada ao público proposto (Vinuto, 2014). Esse método é caracterizado por ser solicitado aos participantes da pesquisa que indiquem pessoas da sua rede de amigos e conhecidos que se enquadrem nos critérios definidos. A coleta foi suspensa após serem realizados os convites aos contatos acessados pela rede e com o início da repetição das indicações dos participantes da pesquisa.

Os critérios de inclusão propostos pela pesquisa reduzem significativamente o universo de sujeitos a ser acessado. Apesar da CIL ser serviço de referência no atendimento a pessoas surdas, potenciais participantes identificados não possuíam conhecimento em Libras e/ou da língua oral escrita. Nas escolas, alunos surdos na faixa etária proposta são parcela minoritária ou inexistente no momento da realização da pesquisa. De acordo com os profissionais que mediarão o contato, a pandemia propôs desafios à permanência desses alunos levando ao abandono. Além disso, o contato com os responsáveis não obteve resultados em alguns casos, impossibilitando a entrevista com esses participantes.

A escolha do público leva em consideração a literatura que aponta para a composição majoritária de famílias ouvintes com filhos surdos na população e as implicações da deficiência nas interações entre seus membros. Composições familiares como filhos surdos de pais surdos possuem implicações de funcionamento distintas dos objetivos propostos para a pesquisa.

3.2.1 Critérios de Inclusão

Adolescentes entre 12 e 18 anos, com perda auditiva severa ou profunda entre 70 e +90 decibéis, no período pré-lingual, entre 0 e 3 meses, filhos de pais ouvintes e usuários da Língua Brasileira de Sinais.

3.2.2 Critérios de Exclusão

Adolescentes surdos com deficiência intelectual, surdos cegos ou que façam uso de tecnologias de apoio como amplificadores ou próteses auditivas e aqueles filhos de pais surdos.

3.3 Instrumentos de Pesquisa

Considerando os objetivos do estudo, foram utilizados como instrumentos para a coleta de dados um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra aplicado aos pais e uma entrevista semiestruturada individual para os participantes da pesquisa.

- **Questionário sociodemográfico para caracterização da amostra (Apêndice A)** (Critério Brasil, 2020). Com duração média para aplicação de 10 minutos, o questionário sociodemográfico aborda aspectos como idade, sexo, escolaridade, estado civil, renda e possui questões adaptadas para caracterização do público alvo da pesquisa, como nível de perda auditiva, idade do diagnóstico e etiologia da deficiência.
- **Entrevista semiestruturada (Apêndice B)**. Com duração média de aplicação de 50 minutos, o roteiro foi elaborado a partir da revisão de literatura sobre o tema proposto e abordará aspectos das relações familiares e desenvolvimento socioemocional. É composto por 13 itens que abrangem a comunicação com outros membros da família e a percepção, compreensão, expressão, regulação e uso das emoções no contexto familiar.

3.4 Procedimentos de Coleta dos Dados

A coleta de dados foi iniciada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Bahia (IMS-CAT). A participação na pesquisa esteve condicionada à autorização através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais e ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes. Foi disponibilizada a tradução do termo para a Libras pelo pesquisador no

momento da aplicação, garantindo a compreensão dos objetivos da pesquisa, assim dos riscos e benefícios do assentimento e participação.

Os participantes foram acessados a partir dos registros de usuários da CIL, indicações de profissionais da rede de ensino e de tradutores intérpretes atuantes no município de Vitória da Conquista – BA. O convite para participação na pesquisa foi realizado através da rede social *WhatsApp*. Quando necessário o contato inicial com o participante, o convite foi traduzido para a Libras pelo pesquisador.

As entrevistas foram conduzidas pelo pesquisador responsável pelo projeto com o apoio de um profissional tradutor intérprete qualificado para o serviço responsável pela tradução/interpretação dos encontros. O *rapport* inicial e apresentação dos aspectos éticos foram realizados pelo pesquisador que, possuindo conhecimento em Libras, pôde estabelecer relação com os participantes suprimindo dúvidas quanto à coleta e tema da pesquisa. Os registros dos procedimentos foram realizados em áudio para a transcrição e análise dos dados e em vídeo, garantindo a fidedignidade dos dados. O material foi armazenado no *google drive*, uma plataforma de armazenamento em nuvem com criptografia SSL.

3.5 Procedimentos de Análise dos Dados

As entrevistas foram transcritas a partir do registro em áudio das falas do tradutor intérprete e do entrevistador. Considerando que o material resultante será uma tradução do que foi sinalizado pelo participante, o registro em vídeo garante fidedignidade dos dados possibilitando a retomada do material em caso de dúvidas ou incongruências quanto à tradução.

Os dados foram então tabulados, lidos, codificados e categorizados possibilitando sua organização em unidades de sentido e categorias e categorias temáticas por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). O método de análise consiste em um conjunto de técnicas objetivas e sistemáticas de análise das comunicações que tem como objetivo produzir inferências sobre os contexto de produção das falas a partir do conteúdo das mensagens produzidas.

Os padrões e funções do conteúdo foram descritos, agrupados e comparados com outros resultados semelhantes e preservando as divergências que possam surgir. Sendo assim, a análise de conteúdo das entrevistas aconteceu em três etapas:

1) Preparação das informações: Nesse momento, são desenvolvidas as condições preparatórias que possibilitam sua análise posterior. Consiste em um processo de escolha do

material a ser utilizado, formulação de hipóteses e objetivos, assim como a elaboração de indicadores que fundamentam a interpretação.

2) Transformação do conteúdo em unidades: Nessa etapa, o material bruto foi transformado sistematicamente e agregado em unidades que permitem uma descrição de aspectos centrais do conteúdo expresso no texto.

3) Tratamento dos resultados - Inferência e interpretação: Aqui as informações são postas em destaque. O conteúdo frequente e as unidades de registro são relacionadas a literatura permitindo uma interpretação e inferência crítica sobre o conteúdo.

4. ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa considerou os requisitos da resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 referentes a regulamentação ética de pesquisas com seres humanos. Os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sobre o sigilo e o direito de desistir da participação no estudo, a qualquer momento. A participação na pesquisa foi condicionada à autorização através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais e ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes conforme previsto na resolução 510/2016 do CNS/MS. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, tendo recebido aprovação, conforme parecer consubstanciado de número 5.744.031.

Uma via dos termos foi fornecida aos participantes com a assinatura do pesquisador, formalizando o direito à interrupção do procedimento a qualquer momento. Para a preservação da identidade dos participantes, foram utilizados nomes fictícios ao longo da discussão dos resultados e, qualquer informação que possibilite sua identificação, será omitida da pesquisa.

5. PRODUTOS

Observação: os estudos apresentados seguem as normas da revista em que foram submetidos para publicação.

5.1 Artigo de Revisão Narrativa

O Papel das Interações Familiares no Desenvolvimento Socioemocional de Adolescentes Surdos: Uma Revisão Narrativa da Literatura.

RESUMO

Introdução: A presente revisão narrativa da literatura tem como objetivo investigar o estado da arte sobre as interações familiares e sua relação com o desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos. **Método:** O levantamento bibliográfico compreendeu o período dos últimos dez anos nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online Brasil* (Scielo), portal regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), National Library Medicine (PubMed), portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e periódico CAPES. Critérios de inclusão: a) abordar os temas da surdez na adolescência e interações familiares; b) ter o português ou inglês como idioma; c) incluir na amostra adolescentes surdos e/ou seus cuidadores; d) ter sido publicado no período de janeiro de 2013 à janeiro de 2023. **Resultado:** Não foram identificados artigos que respondessem à pergunta original sobre interações familiares e desenvolvimento socioemocional. Os critérios da busca foram então ampliados de forma a incluir na revisão literatura sobre interações comunicacionais familiares e desenvolvimento do adolescente surdo. A partir disso, foram encontrados três artigos abordando a temática **Discussão:** A literatura sobre interações comunicativas familiares e desenvolvimento do adolescente surdo é escassa e precisa de atenção. A falta de descritores adequados para a pesquisa em psicologia sobre desenvolvimento socioemocional dificulta o acesso a produções relevantes na área.

Palavras-chave: Psicologia; surdez; relações familiares; ajustamento emocional; adolescência.

ABSTRACT

Introduction: The present narrative review of the literature aims to investigate the state of the art regarding family interactions and their relationship with the socioemotional development of deaf adolescents. **Method:** The bibliographic survey covered the period of the last ten years in the databases of the *Scientific Electronic Library Online Brazil* (Scielo), regional portal of the *Virtual Health Library* (BVS), *National Library Medicine* (PubMed), portal of *Electronic Journals of Psychology* (PePSIC) and CAPES journal. Inclusion criteria: a) address the themes of deafness in adolescence and family interactions; b) have Portuguese or English as language; c) include deaf adolescents and/or their caregivers in the sample; d) having been published between 2013 and January 2023. **Result:** No articles were identified that answered the original question about family interactions and socio-emotional development. The search criteria were then expanded to include literature on family communication interactions and deaf adolescent development in the review. From this, three articles were found addressing the theme **Discussion:** The literature on family communicative interactions and development of deaf adolescents is scarce and needs attention. The lack of

suitable descriptors for psychology research on socio-emotional development makes it difficult to access relevant productions in the area.

Keywords: *Psychology; deafness; family relations; emotional adjustment; adolescence.*

1. INTRODUÇÃO

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define a adolescência como o período da vida situado entre os 12 e 18 anos de idade (*Lei nº 8.069, 1990*). Historicamente, essa fase do desenvolvimento humano foi abordada por diferentes áreas apenas como um período de intensas mudanças físicas e cognitivas demarcadas com o início da puberdade (Senna & Dessen, 2012). Entretanto, perspectivas do desenvolvimento humano atuais entendem que a adolescência pode ser compreendida para além dos seus marcadores biológicos de crescimento e maturação levando em consideração fatores contextuais como a cultura, sociedade e o momento histórico que atravessam o desenvolvimento (Papalia & Feldman, 2013).

Na adolescência, a principal tarefa do desenvolvimento a ser cumprida é a construção da identidade. (Saciolotto & Abaid, 2021). Entendida como aquilo que difere um indivíduo de outro, a identidade é continuamente construída ao longo da vida (Oliveira et. al, 2019) e, durante a adolescência, esse processo é estimulado pelas mudanças que acontecem em diferentes esferas da vida que contribuem para o acesso a diferentes e mais amplos contextos sociais proporcionando o encontro com novos referenciais identitários (Campache, Lima & Françoze, 2019).

A família, enquanto contexto proximal de desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1993), auxilia na compreensão de valores, no engajamento para a realização de tarefas e dos papéis sociais cada vez mais diversos, assim como no desenvolvimento de competências emocionais e de comunicação (Brito & Dessen, 1999; Senna & Dessen, 2012). Um processo de comunicação parental eficiente é mediador dos processos de desenvolvimento e influência na autoestima e auxiliando na construção de estratégias de enfrentamento, assim como no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança (Napoli et. al., 2015; Campache et. al., 2019; Marquete et. al., 2020).

No caso da surdez, existem características que precisam ser levadas em consideração ao pensar no desenvolvimento. Quanto mais profunda a perda, maiores serão os obstáculos para as interações da criança surda (Bisol & Valentini, 2011). Sendo a surdez um fator diferencial no desenvolvimento humano (Lobo, 2016), ela implica em uma diferença na

modalidade em que a comunicação acontece entre a criança/adolescente e seus pares ouvintes.

Adolescentes e crianças com deficiência auditiva apresentam maior disposição para o isolamento, assim como dificuldades de aprendizagem e regulação emocional (Lobo, 2016). Além disso, apresentam uma menor percepção de bem-estar, maiores taxas de evasão escolar (Stevenson et al., 2017), dificuldades familiares, assim como lidam com estigmas sociais e preconceitos (Blose & Joshep, 2017).

Entretanto, os problemas e dificuldades descritos não são consequência da deficiência em si, mas em como ela é abordada cotidianamente. Aproximadamente, 95% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes que não tiveram um contato anterior com outras pessoas surdas e que não conhecem uma língua de sinais (Blose & Joseph, 2017). A criança surda se depara com uma rede de expectativas pré-estabelecidas que precisam ser redefinidas para favorecer um desenvolvimento satisfatório (Campache et. al, 2019; Marquete et. al, 2020; Papalia & Feldman, 2013; Rovere, Lima & Silva, 2018).

Pensar em como características diferenciais do desenvolvimento como a surdez são abordadas em diferentes contextos e em quais as implicações de diferentes intervenções é fundamental para a construção de estratégias eficientes (Santos & Claudio, 2012). Diante da escassa produção científica na área (Bisol, Simioni & Sperb 2008; Azevedo, Giroto & Santana, 2015; Thomaz, et al., 2020) a investigação da relação das interações comunicacionais entre familiares ouvintes e sujeitos surdos se apresenta como relevante. Considerando as questões apresentadas, a presente revisão foi norteada pela seguinte pergunta: qual o estado da arte Nacional e Internacional sobre as interações familiares e desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos?

2. METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura que tem como objetivo investigar o estado da arte sobre as interações familiares e desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos. O levantamento bibliográfico compreendeu o período dos últimos dez anos nas bases de dados da *Scientific Electronic Library Online* Brasil (SciELO), portal regional da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *National Library Medicine* (PubMed), portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e o periódico CAPES.

Os termos utilizados para a realização das buscas foram selecionados a partir da base de Descritores em Ciências da Saúde (DeCs). Entretanto, descritores considerados relevantes para a pergunta de pesquisa como: desenvolvimento socioemocional, competência socioemocional ou competência emocional não foram encontrados indexados na base no período da busca.

A partir disso, foram selecionados descritores gerais que pudessem englobar artigos que abordassem o tema proposto de maneira ampla. As estratégias de busca utilizadas foram, em português: a) surdez, deficiência auditiva, combinados a partir do operador booleano AND com os termos família e adolesc\$. Em inglês, foram utilizados os descritores: *Deafness* e *Hearing loss* combinados a partir do operador booleano AND com os núcleos *family* e *adolesc\$*.

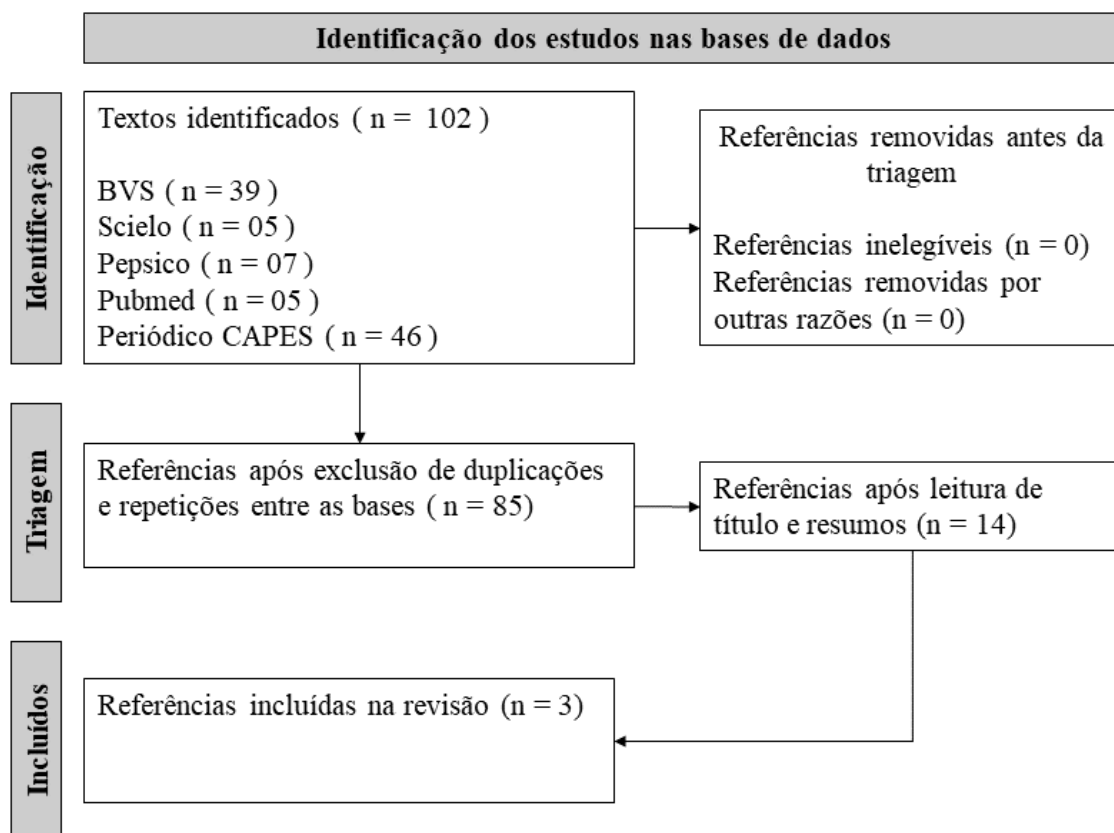
Foram definidos como critérios de inclusão dos artigos: a) abordar a surdez em adolescentes e tratar sobre suas interações familiares; b) ter o português ou inglês como idioma; c) incluir na amostra adolescentes surdos e/ou seus cuidadores; d) ter sido publicado no período de 2013 a janeiro de 2023. Como critérios de exclusão foram consideradas: a) publicações duplicadas; b) publicações em outros formatos que não o de artigo; c) artigos de revisão; d) amostras incluindo exclusivamente adolescentes com uso de aparelhos de apoio; e) não ter o resumo e texto completo disponibilizado *on-line* e de forma gratuita.

O procedimento de busca inicial ocorreu com a leitura dos títulos e exclusão das repetições nas próprias bases e entre as bases selecionadas. Após essa etapa, foram lidos os resumos e selecionados os artigos que cumpriam os critérios de inclusão e feita a leitura na íntegra dos artigos selecionados para realização das análises.

3. RESULTADOS

Figura 01

Fluxograma do processo de busca e seleção dos estudos.



Ao longo da revisão, não foram encontrados estudos que discutam a temática do papel das interações comunicativas familiares no desenvolvimento socioemocional em adolescentes surdos. O critério de inclusão a) abordar a surdez em adolescentes e o papel das interações familiares no seu desenvolvimento socioemocional foi então redefinido para abarcar de maneira mais ampla a surdez em adolescentes e a dinâmica de funcionamento das interações familiares.

Os artigos selecionados para a análise abordam as interações entre criança/adolescente surdo e a sua família. Essa escolha permitiu responder a pergunta de pesquisa com a seleção de artigos que se aproximem da temática proposta, a saber, a interação familiar entre adolescentes surdos e familiares ouvintes.

Além disso, foram realizadas buscas complementares em bases internacionais e nacionais escolhidas pela sua corrente produção na área da surdez. A saber, as revistas da *Gallaudet University* e o *Journal of Deaf Studies* e os repositórios da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) e da Universidade São Paulo (USP).

A partir disso, foram identificados artigos que discutem a temática do desenvolvimento cognitivo e emocional de adolescentes surdos nas bases internacionais. No entanto, nenhum que relaciona as interações familiares ao desenvolvimento socioemocional

ou ao papel da comunicação no desenvolvimento de crianças/adolescentes surdos. Na literatura internacional, existe uma produção corrente sobre dificuldades emocionais e de comportamento em crianças surdas (Stevenson et al., 2017). Entretanto, há uma escassez de estudos sobre dificuldades emocionais e comportamentais em adolescentes surdos e sobre o papel da comunicação entre famílias ouvintes e crianças surdas (Blöse & Joseph, 2017; Stevenson et al., 2017).

Nas bases de dados nacionais, não foram identificados resultados relevantes para os objetivos do presente estudo. Revisões de literatura abordando a produção científica nacional sobre a surdez apontam para a restrita produção na área (Bisol, Simione & Sperb 2008; Azevedo, Giroto & Santana, 2015). Thomaz et al. (2020), apontam para a lacuna existente na produção científica sobre o tema da surdez. Segundo os mesmos autores, existe um enfoque dos estudos no desenvolvimento na comunicação oral e escrita da população com deficiência auditiva quando em comparação a população ouvinte do que na interação dessa população com suas famílias e com a sociedade (Thomaz et al, 2020; Brice & Strauss, 2016).

4. DISCUSSÃO

Os artigos encontrados são produções publicadas em revistas com foco em distúrbios da comunicação na área da fonoaudiologia. Em seu escopo, se propõem a discutir a relação entre crianças/adolescente surdas e seus familiares ouvintes a partir de metodologias qualitativas com amostras reduzidas de participantes. O delineamento de pesquisa qualitativo é comum em pesquisas que abordam a temática da surdez. Brice e Strauss (2016) apontam para a dificuldade em recrutar grandes amostras para que sejam realizadas o exame de hipóteses com algum poder preditivo. Essa característica das pesquisas na área apontam para os obstáculos geográficos e linguísticos no acesso à população surda.

Quadro 2

Descrição dos artigos selecionados.

Título do artigo	Periódico de publicação	Objetivo	Amostra
Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência	CoDAS	Conhecer como ocorre a interação da família com a criança/adolescente com deficiência auditiva.	10 cuidadores de crianças/adolescentes surdos entre 10 e 19 anos.

auditiva (2020).			
Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos (2019).	Distúrbios da Comunicação	Compreender as vivências de mães ouvintes e de filhos surdos na adolescência, assim como as mudanças enfrentadas pela família nesta fase.	5 adolescentes surdos e suas mães .
A comunicação entre sujeitos surdos com diagnóstico precoce e com diagnóstico tardio e seus pares (2018).	Distúrbios da Comunicação	Observar dois grupos de crianças e adolescentes surdos no que diz respeito ao uso da linguagem oral e língua de sinais e verificar como vem ocorrendo a comunicação dos sujeitos com seus familiares.	6 crianças/adolescentes surdos entre 11 e 15 anos e suas mães.

A compreensão de surdez que os estudos adotam impactam significativamente sua condução e as discussões realizadas. Nos últimos anos, a abordagem socioantropológica tem ganhado espaço nas produções científicas, principalmente na área da psicologia (Bisol, Simioni & Sperb, 2008). Essa abordagem compreende o indivíduo surdo a partir de sua identidade, história de lutas e conquistas e de sua autonomia. Entretanto, isso não significa deixar de lado a perda auditiva, mas, diante disso, considerar o sujeito que vive a experiência de ser surdo.

Os estudos selecionados não aderem explicitamente uma abordagem da surdez. Caracterizam-na a partir da deficiência e do nível de perda sem, no entanto, desenvolver questões como o reconhecimento dos surdos enquanto comunidade com cultura e costumes próprios. Entretanto, os autores reforçam em suas análises a necessidade do diagnóstico precoce e o papel da Língua Brasileira de Sinais na construção de intervenções adequadas que favoreçam o desenvolvimento satisfatório da criança/adolescente surdo.

Nesse sentido, Thomaz et al (2020) conduziram entrevistas com cuidados de adolescentes surdos com o objetivo de conhecer como acontece a interação entre a família e a pessoa com deficiência auditiva. A partir da técnica de análise temática dos dados produzidos, identificaram um tema e dois subtemas no conteúdo das entrevistas, a saber: 1.

Interação entre a criança e adolescente surda e sua família; 2. Potencialidades e fragilidades na comunicação e aprendizagem no processo de cuidado.

A família desempenha uma posição fundamental no aprendizado da criança surda sobre o funcionamento das relações sociais podendo oferecer um contexto onde se sinta aceita, acolhida e pertencente a uma comunidade (Thomaz et al, 2020; Barreto & Rabello, 2015). É onde primariamente constroem sua visão do mundo e de si mesmas que irá reverberar na forma como se relacionam com os outros, podendo oferecer uma base segura para a sua exploração.

Os autores discutem o papel da interação familiar no desenvolvimento da criança/adolescente surda. Diante dos obstáculos à comunicação, os familiares empregam estratégias para sua superação que podem não ser adequadas. Diante dos obstáculos à comunicação, os familiares podem empregar estratégias alternativas que não são adequadas para abarcar a complexidade de aspectos da realidade.

Para que isso aconteça de maneira plena, é necessário que a comunicação seja possível. A língua exerce uma função central nas relações sociais e, se não acontece de forma efetiva, as relações são prejudicadas (Lacerda & Nascimento, 2017). Barreiras linguísticas como as que a criança surda encontra dentro e fora de sua família, podem implicar em prejuízo de suas interações (Most, 2003) e, conseqüentemente, no desenvolvimento em áreas que dependem desse contato para acontecer.

Considerando que, em grande medida, crianças surdas nascem em famílias ouvintes (Bloese & Joseph, 2017), os prejuízos podem ser mais significativos para essas pessoas dado o desconhecimento geral sobre a comunidade surda e da Língua Brasileira de Sinais (Thomaz et al, 2020). O diagnóstico precoce tem sido destacado na literatura como imprescindível na orientação à saúde e construção de intervenções efetivas (Rovere, Lima e Silva, 2018).

Com o objetivo de verificar como acontece a comunicação entre pessoas surdas e seus familiares e as diferenças no uso da língua oral e de sinais entre aqueles que iniciaram o processo de reabilitação precoce e tardia, Rovere et al. (2018), acompanharam dois grupos de crianças e adolescentes surdos.

A partir de entrevistas com as mães e observação das interações entre as díades, observam que as crianças e adolescentes que receberam o diagnóstico precoce e iniciaram precocemente a reabilitação, apresentaram uma comunicação mais efetiva em Libras. Em contrapartida, a partir do relato das mães dos participantes que obtiveram o diagnóstico tardio e iniciaram a reabilitação tardiamente, foram identificadas dificuldades na educação e ensino

dos filhos o que pode ser atribuído aos déficits na comunicação parental (Rovere, Lima & Silva, 2018; Camatti & Lazzarin, 2020).

Para a maioria das pessoas surdas, as interações comunicacionais são escassas no contexto familiar. Como aponta Strobel (2016), devido a essa diferença linguística, surdos podem não conseguir acompanhar os diálogos entre seus pares ouvintes. Como consequência, em interações familiares essas pessoas buscam frequentemente explicações para compreender o que está acontecendo, o que acarreta em um atraso entre a mensagem e sua recepção.

A despeito desse obstáculo na comunicação, diferentes estratégias são adotadas pelas famílias no processo de integração do sujeito surdo. Dentre as alternativas utilizadas, o uso de sinais caseiros é frequente nas interações em famílias ouvintes (Thomaz et al 2020). Essa estratégia surge na emergência de se comunicar em um contexto que não reconhece uma língua de sinais e onde a criança não tem conhecimento da língua oral. Esses sinais são caracterizados pela utilização de recursos como gestos, sinais icônicos, mímicas ou mesmo signos padronizados da Libras utilizados de maneira isolada (Adriano, 2010).

Entretanto, essa estratégia traz à tona a limitação da comunicação dessas crianças no ambiente familiar. Mesmo que supra necessidades básicas de comunicação, os sinais caseiros não são capazes de comunicar ideias complexas, regras e tornando difícil o relato de acontecimentos que precisem de algum nível de abstração (Adriano, 2010; Rovere, Lima & Silva, 2018).

Uma língua gestovisual é necessária para que a comunicação aconteça de maneira efetiva. Nesse sentido, as línguas de sinais garantem aos surdos valorização e reconhecimento linguísticos. A Libras, enquanto língua, possibilita a expressão de ideias complexas e abstratas (Velooso e Maia, 2012).

Ao longo do desenvolvimento, as dificuldades de comunicação se tornam cada vez mais evidentes. Na adolescência, a surdez se constitui como uma característica de diferenciação entre o adolescente surdo e seus pares. Se para todo adolescente pode ser difícil lidar com as mudanças físicas e cognitivas da puberdade, para o adolescente surdo é preciso conciliar as transformações com a falta de audição e/ou dificuldade em falar (Lobo, 2016).

Campache, Lima e França (2019), buscando compreender as vivências da adolescência, assim como as mudanças enfrentadas pela família nessa fase, entrevistaram cinco adolescentes e suas mães em um centro de pesquisa e reabilitação em Campinas. Após o tratamento e análise dos dados a partir da análise temática de Bardin (2011), os autores destacam três categorias a partir dos relatos: 1. Comunicação entre mães e filhos; 2. Mudanças na adolescência; 3. Expectativas em relação ao futuro.

No discurso dos adolescentes foram identificados comportamentos de busca pela afirmação da identidade característicos dessa fase. A surdez, enquanto característica diferencial do desenvolvimento, faz com que o processo de construção da identidade seja também de uma identidade surda. Nele, a perda auditiva e a língua de sinais são demarcadores centrais possibilitando uma diversidade de identidades surdas. Enquanto alguns dos participantes veem a surdez como algo positivo nos contextos de que participam, outros atenuam a diferença com o uso de aparelhos auditivos buscando se adaptar aos contextos ouvintes (Campache, Lima e Françoço, 2019).

Já no discurso das mães, ficam marcadas as percepções de mudanças nos interesses e atitudes dos filhos na adolescência. Além disso, há uma preocupação quanto ao seu futuro relacionado a escolha profissional, autonomia, independência e acessibilidade (Campache, Lima e Françoço, 2019). Quanto à comunicação, apontam para a importância do aprendizado da Língua Brasileira de Sinais para que essa seja possibilitada no cotidiano, mesmo com a destacada característica oralista da comunicação entre os filhos e outros familiares.

Um resultado encontrado fora das buscas realizadas, complementa a discussão proposta. Na África do Sul, foi conduzido um estudo com o objetivo de facilitar a compreensão de famílias ouvintes e dos profissionais que trabalham com crianças surdas sobre a sua realidade de comunicação. Para isso, uma criança foi acompanhada em diferentes interações dentro de casa e na escola, além de entrevistas realizadas com a mãe, irmãos, educadores e pares incluindo colegas e vizinhos considerados relevantes dado a proximidade e interação com a família. Sendo uma escola de formação bilingue e bicultural, o espaço fornece um ambiente de pares surdos e ouvintes com conhecimento da *South African Sign Language* (SASL) (Blöse & Joseph, 2017).

Como resultado, observou-se que no contexto doméstico as interações comunicativas eram limitadas quanto ao conteúdo e duração e as interrupções foram frequentes. Por não serem proficientes em uma língua de sinais, os familiares frequentemente utilizavam a comunicação oral como modalidade de comunicação o que afetou a qualidade das interações tornando-as mais curtas e com uma maior frequência de interrupções.

Enquanto isso, no contexto escolar, a comunicação se apresentou rica com uma maior duração e profundidade em conteúdo. O modo de comunicação nesse ambiente não era restrito a SASL, mas alternava entre sinalizações como apontar, gesticular, sinais caseiros, olhar fixo e expressões faciais ou táteis como toques e puxões. Os autores também evidenciam a partir disso o sentimento de pertencimento e o menor isolamento já que o

compartilhamento da língua contribuiu para uma maior proximidade entre o participante e seus pares ouvintes e surdos (Bloese & Joseph, 2017).

As amostras envolvendo familiares foram exclusivamente compostas por mães. Não limitado à surdez, a literatura aponta para essa função do cuidado exercido pela mãe de crianças com deficiência (Rovere, Lima & Silva, 2018). Além disso, existe um limitado número de pesquisas acerca da percepção do pai do seu envolvimento no cuidado e seu papel no desenvolvimento dos filhos (Silva & Dessen, 2014).

O aprendizado de uma segunda língua requer um grande investimento de energia e precisa de aprimoramento constante. Essa centralização do cuidado na figura materna pode implicar em uma sobrecarga e desgaste resultando em maior vulnerabilidade ao estresse já que essas despendem mais tempo no cuidado da criança do que em atividades sociais e pessoais (Silva & Dessen, 2014).

Os estudos selecionados discutem aspectos importantes da interação entre familiares ouvintes e crianças/adolescentes surdo, como o papel das línguas gesto-visuais na mediação dessas interações. O diagnóstico precoce e suporte profissional se mostram imprescindíveis na construção de estratégias adaptativas, amparo e orientação em um momento de fragilidade e dúvidas que podem impactar no desenvolvimento da criança/adolescente surdo.

5. CONCLUSÃO

A presente revisão da literatura aponta para a necessidade de atenção para a área da surdez na literatura científica. A pergunta proposta inicialmente não pôde ser respondida sendo necessário a alteração dos critérios para uma busca ampla que abarcasse o referido tema. No cenário nacional, essa dificuldade é descrita por outros autores que apontam para a produção corrente na área da educação surda (Bisol et al., 2008) onde o foco tem sido a comparação do desenvolvimento da linguagem entre crianças surdas e ouvintes (Thomaz et al., 2020).

Na literatura internacional, apesar da produção corrente sobre dificuldades emocionais e comportamentais de crianças surdas, há uma escassez de estudos voltados para o público adolescente e para o papel da comunicação familiar (Bloese & Joseph, 2017; Stevenson et al., 2017).

A falta de descritores adequados para a pesquisa sobre o desenvolvimento socioemocional contribui para a dificuldade em encontrar resultados relevantes. Bases de descritores como o DeCS tem por objetivo padronizar a linguagem utilizada na indexação de

artigos, revistas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros tipos de materiais (DeCS, 2023) facilitando a recuperação de temas na literatura científica.

Os artigos resultantes discutem o papel da Língua Brasileira de Sinais na mediação das interações familiares. A Libras possibilita uma comunicação eficiente para pessoas surdas permitindo que valores, regras e crenças sejam transmitidos e favorecendo a sensação de pertencimento ao núcleo familiar. Isso requer um investimento de tempo e energia dos pais no aprendizado e aperfeiçoamento constante, o que se apresenta como um desafio frente ao diagnóstico. Independentemente da abordagem escolhida quanto à língua, que haja suporte dos profissionais e direcionamento quando as possibilidades do desenvolvimento e limitações que a criança pode vivenciar (Rovere, Lima & Silva, 2018).

A formação de profissionais para o acolhimento de demandas como a surdez é fundamental para que haja uma reorganização diante desse novo contexto (Mazzu-Nascimento et al, 2020). A falta de recursos, sejam eles psicológicos, materiais ou profissionais, dificulta a tomada de decisões e a estabilidade emocional dos pais.

Entretanto, existe uma lacuna na formação profissional para o atendimento em saúde adequado a essa população, assim como para a realização de pesquisas éticas que levem em consideração não apenas a deficiência, mas também da constituição da comunidade surda enquanto uma cultura, favorece o distanciamento e conseqüente adoecimento dessa população que enfrenta obstáculos e insatisfação no acesso à saúde (Pires & Almeida, 2016).

REFERÊNCIAS

- Adriano, N. A. (2010). Sinais caseiros: Uma exploração de aspectos linguísticos- Dissertação de mestrado. UFSC.
- Azevedo, C. B., Giroto, C. R. M., & santana, A. P. (2015). Produção científica na área da surdez: análise dos artigos publicados na revista brasileira de educação especial no período de 1992 a 2013. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 21(4), 459–476. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382115000400010>
- Barreto, M. J., & Rabelo, A. A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando famílias*, 19(2), 34-42. Recuperado em 06 de março de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X201500020004&lng=pt&tlng=pt.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (3a ed., L. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70

- Bisol, C. A., Simioni, J., & Sperb, T. (2008). Contribuições da psicologia Brasileira para o estudo da surdez. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 21(Psicol. Reflex. Crit., 2008 21(3)), 392–400. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000300007>
- Bisol, C. A., & Valentini, C. B. (2011). *Surdez e Deficiência Auditiva -qual a diferença?* Com.br. Recuperado 26 de outubro de 2022, de http://grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Text_o.pdf
- Brice, P. J., & Strauss, G. (2016). Deaf adolescents in a hearing world: a review of factors affecting psychosocial adaptation. *Adolescent health, medicine and therapeutics*, 67-76.
- Blose Z. M. & Joseph L. N. (2017) The reality of every day communication for a deaf child using sign language in a developing country. *Afri Health Sci.*;17(4):1149-1159. <https://dx.doi.org/10.4314/ahs.v17i4.24>
- Brito, A. M. W. de ., & Dessen, M. A.. (1999). Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 12(2), 429–445. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000200012>
- Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings. Em E. Wozniak & R. Fischer (Orgs.), *Development in context: Acting and thinking in specific environments* (p. 3–44). Erlbaum.
- Camatti, L., & Lunardi-Lazzarin, M. L. (2020). A Premência do Diagnóstico Precoce da Surdez e seus Efeitos no Campo Conceitual da Educação de Surdos. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 26(Rev. bras. educ. espec., 2020 26(4)), 769–778. <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0130>
- Campache, J. J., Lima, M. C. M. P., & Françaço, M. D. F. C. (2019). Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos. *Distúrbios Da Comunicação*, 31(2), 297–307. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2019v31i2p297-307>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico*. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao.html>
- Lacerda, C. B. F & Nascimento, L. C. R. (2017). Aquisição de Linguagem: Refletindo sobre a Criança Surda e a Língua de Sinais. In: LACÔNICA, D. A. C. et al. (ong) *Tratado de linguagem: perspectivas contemporâneas*. Ribeirão Preto: Booktoy, cap.6, pp. 5-10.
- Lobo, M.C. (2016). Adolescente surdo e os conflitos da idade: o olhar da Psicologia. *Revista NEP*, Curitiba, 2(5), pp. 132-143
- Maia, V. & Veloso, E. (2012) *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. Curitiba: Editora MãoSinais, 7.ed

- Marquete, V., Reis, P., Silva, E., Marchini, K., Costa, M., & Marcon, S. (2020). Influência da habilidade comunicacional dos pais nas orientações de saúde ao filho surdo. *Revista Enfermagem UERJ*, 28, e52265. doi:<https://doi.org/10.12957/reuerj.2020.52265>
- Mazzu-Nascimento, T., Melo, D. G., Evangelista, D. N., Silva, T. V., Afonso, M. G., Cabello, J., Mattos, A. T. R. de., Abubakar, O., Sousa, A. S., Moreira, R. P., Soares, M. V. V. N., Souza, L. C. de., Ribeiro, A. M. F., Chaveiro, N., & Porto, C. C.. (2020). Fragilidade na formação dos profissionais de saúde quanto à Língua Brasileira de Sinais: reflexo na atenção à saúde dos surdos. *Audiology - Communication Research*, 25, e2361. <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2020-2361>
- Most, T. (2003). The use of repair strategies: Bilingual Deaf children using Sign Language and spoken language. *American Annals of the Deaf*, 148(4): 308-314.
- Napoli D. J., Mellon N. K., Niparko J. K., et al. (2015) Should all deaf children learn sign language? *Pediatrics*. 136(1):170–176.
- Oliveira W. P. S., Oliveira M. dos S. de, Oliveira A. T. F., Rodrigues K. F. M., Oliveira L. R. L. de, Conceição P. W. R. da, Almeida M. M. e S., & Gonçalves F. T. D. (2019). Fortalecimento de valores culturais para a construção da identidade individual e coletiva. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 11(6), e404. <https://doi.org/10.25248/reas.e404.2019>
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed. (12ª ed.)
- Pires, H. F., & Tigre Almeida, M. A. P. (2016). A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 5(1). <https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i1.912>
- Sacilotto, A. L., & Abaid, J. L. W. (2021). Autoconceito em adolescentes e suas relações com desempenho escolar e práticas parentais. *Barbarói*, (58), 30-46. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i58.4320>
- Santos, F. C. A. & Claudio, D. P. (2012). Estudo de um caso de surdez: aspectos envolvidos na formação da identidade do indivíduo surdo. *PsicoFAE*, Curitiba, 1(1), 89-99.
- Silva, S. C. & Dessen, M. A. (2014). Relações familiares na perspectiva de pais, irmãos e crianças com deficiência. *Revista Brasileira De Educação Especial*, 20(Rev. bras. educ. espec., 2014 20(3)), 421–434. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382014000300008>
- Stevenson, J., Pimperton, H., Kreppner, J., Worsfold, S., Terlektsi, E. & Kennedy, C. (2017). Emotional and behaviour difficulties in teenagers with permanent childhood hearing loss. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, 101, 186–195. <https://doi.org/10.1016/j.ijporl.2017.07.031>
- Strobel, K. (2016). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC.

- Thomaz, M. M., Milbrath, V. M., Gabatz, R. I. B., Freitag, V. L., & Vaz, J. C.. (2020). Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva. *Codas*, 32(CoDAS, 2020 32(6) <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>
- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Senna, S. R. C. M. & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108
- Rovere, N. C., Lima, M. C. M. P., & Silva, I. R. (2018). A comunicação entre sujeitos surdos com diagnóstico precoce e com diagnóstico tardio e seus pares. *Distúrbios Da Comunicação*, 30(1), 90–102. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i1p90-102>
- World Health Organization (2021). *Deafness and hearing loss*, Geneva: World Health Organization. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/deafness-and-hearing-loss>

5.2 Artigo Empírico

O Papel da Comunicação Familiar no Desenvolvimento Socioemocional de Adolescentes Surdos.

The role of family communication in the socioemotional development of deaf adolescents.

El papel de la comunicación familiares en el desarrollo socioemocional de adolescentes sordos

RESUMO

Na psicologia, a literatura sobre a família e sua relação com desenvolvimento de adolescentes surdos é escassa e se torna incipiente quando considerado o aspecto emocional nessa fase. Este estudo tem como objetivo caracterizar a percepção de adolescentes surdos sobre o papel das interações familiares em seu desenvolvimento socioemocional. Foram entrevistados quatro adolescentes surdos entre 12 e 18 anos, com perda profunda ou severa e usuários da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no período de março a abril de 2023. As entrevistas foram registradas em áudio, vídeo e posteriormente transcritas e analisadas. O conteúdo foi analisado a partir da análise de Bardin (2011). Identificou-se quatro categorias e cinco subcategorias: 1. Modos de comunicação e 2. Competências emocionais. Como subtópicos decorrentes das dimensões das competências emocionais, foram identificadas dimensões como: 2.1. Identificação das emoções; 2.2. Expressão emocional e 2.3 Regulação emocional. A língua media as interações que possibilitam o desenvolvimento de habilidades que repercutem ao longo de toda a vida. Os resultados indicaram que para pessoas surdas usuárias da Libras, a característica gesto visual da língua de sinais favorece a identificação precisa das emoções a partir do reconhecimento de expressões faciais e pistas contextuais. Evidenciou-se que, o aprendizado tardio da língua e o contato restrito com referenciais surdos, prejudica o desenvolvimento de um vocabulário adequado para a diferenciação e expressão satisfatória das emoções. Como consequência, a regulação emocional da pessoa surda pode ser prejudicada.

Palavras-chave: Psicologia; surdez; relações familiares; ajustamento emocional; adolescência.

ABSTRACT

In psychology, the literature on family and its relation to the development of deaf adolescents is scarce and becomes incipient when considering the emotional aspect in this phase. The present article aims to characterize the perception of deaf adolescents about the role of family interactions in their socioemotional development. Four deaf adolescents between 12 and 18 years old, with profound or severe hearing loss and users of Brazilian Sign Language (Libras), were interviewed from March to April 2023. The interviews were recorded in audio, video, and later transcribed and analyzed. The content was analyzed using Bardin's analysis (2011). Four

categories and five subcategories were identified, namely: 1. Modes of communication and 2. Emotional competencies. As resulting subtopics from the dimensions of emotional competencies, dimensions such as: 2.1. Identification of emotions; 2.2. Emotional expression and 2.3. Emotional regulation were identified. Language mediates interactions that enable the development of skills that have repercussions throughout life. For deaf individuals who use Libras, the visual-gestural characteristic of sign language favors precise identification of emotions through recognition of facial expressions and contextual clues. However, late language acquisition and restricted contact with deaf role models hinder the development of adequate vocabulary for differentiation and satisfactory expression of emotions. As a consequence, emotional regulation of deaf individuals may be impaired.

Keywords: Psychology; deafness; family relationships; emotional adjustment; adolescence.

RESUMEN

En psicología, la literatura sobre la familia y su relación con el desarrollo de los adolescentes sordos es escasa y se vuelve incipiente al considerar el aspecto emocional en esta etapa. Este estudio tiene como objetivo caracterizar la percepción de adolescentes sordos sobre el papel de las interacciones familiares en su desarrollo socioemocional. Cuatro adolescentes sordos entre 12 y 18 años, con pérdida profunda o severa y usuarios de la Lengua de Signos Brasileña (Libras) fueron entrevistados entre marzo y abril de 2023. Las entrevistas fueron grabadas en audio, video y luego transcritas y analizadas. El contenido fue analizado con base en el análisis de Bardin (2011). Se identificaron cuatro categorías y cinco subcategorías: 1. Modos de comunicación y 2. Habilidades emocionales. Como subtemas surgidos de las dimensiones de las habilidades emocionales se identificaron dimensiones como: 2.1. Identificación de emociones; 2.2. Expresión emocional y 2.3 Regulación emocional. El lenguaje media las interacciones que posibilitan el desarrollo de habilidades que repercuten a lo largo de la vida. Los resultados indicaron que para las personas sordas que utilizan Libras, el gesto visual característico del lenguaje de signos favorece la identificación precisa de emociones basada en el reconocimiento de expresiones faciales y pistas contextuales. Se evidenció que el aprendizaje tardío de la lengua y el contacto restringido con referentes sordos dificulta el desarrollo de un vocabulario adecuado para la diferenciación y expresión satisfactoria de las emociones. Como consecuencia, la regulación emocional de la persona sorda puede verse afectada.

Palabras clave: Psicología; surdez; relaciones familiares; ajuste emocional; adolescencia.

Introdução

A comunicação é um processo dinâmico e complexo. Nele, aspectos verbais e não verbais possibilitam a interação humana e a troca de informações (Dias, 2015; Sousa, 2015). A linguagem, como parte inerente da comunicação, oferece os conceitos e formas que organizam a compreensão da realidade, estabelecendo a mediação entre o sujeito e o objeto (Vygotsky, 1993). O estabelecimento satisfatório da comunicação no ambiente familiar é necessário para a manutenção das relações interpessoais, assim como é fator

protetivo em relação a comportamentos de risco (Corsano et. al, 2006; Devore & Ginsburg, 2005).

A audição desempenha um papel central no desenvolvimento da linguagem. Sendo assim, no nascimento de uma criança surda, uma diferença fundamental é estabelecida no modo como a língua será adquirida. A maioria das crianças surdas nascem em famílias ouvintes (Blöse & Joseph, 2017) em que o primeiro contato dos pais com a surdez acontece no nascimento de um filho com perda auditiva (Thomaz et. al, 2019). O desconhecimento acerca da comunidade surda e da Língua Brasileira de Sinais, dificulta a adaptação às novas dinâmicas e papéis propostas no nascimento de uma criança com deficiência e o reconhecimento adequado de suas necessidades.

Enquanto para a criança surda, os obstáculos na comunicação favorecem a manutenção de emoções negativas na interação com seus pais, como medo e frustração, assim como pode resultar no desenvolvimento de uma auto imagem negativa a longo prazo (Guarinello, 2000). Além disso, problemas emocionais e de comportamento são mais frequentes em crianças e adolescentes surdos, assim como a incidência de depressão, agressividade, transtorno desafiador opositor e de conduta (Stevenson et al, 2017). Nesse contexto de obstáculos a adaptação da pessoa surda em um mundo ditado por códigos sociais auditivos, mesmo aqueles nascidos surdos e que não experienciam a perda, não tardam a vivenciar a experiência da deficiência (Vygotsky, 2012).

Durante a adolescência, a surdez permanece enquanto característica diferencial do desenvolvimento. Se para o adolescente pode ser difícil lidar com as mudanças físicas e cognitivas da puberdade e as responsabilidades crescentes, pra o adolescente surdo é preciso conciliar as transformações com a falta de audição e/ou dificuldade em falar (Campache et al., 2019).

Nesse período, as limitações nas interações sociais ficam cada vez mais evidentes para a pessoa surda no contexto familiar, tornando suas relações nesse ambiente conflituosas (Lobo, 2016). O adolescente surdo então rompe suas relações familiares quando essas não conseguem suprir suas necessidades de interação que se tornam cada vez mais complexas tendo dificuldade em se reconhecer como pertencente ao núcleo familiar. Quando nesse período acontece o contato com a comunidade surda, essa passa a ser o seu referencial nesse processo de desvinculação (Lobo, 2016).

O desenvolvimento de competências sociais e emocionais é mediado pela comunicação (Wiefferink et. al, 2013). A família, enquanto espaço de socialização, desempenha um papel central nesse processo (Petrucci et. al, 2016; Senna e Dessen, 2012; Soares, 2009; Bronfenbrenner, 1986), assim como em dimensões específicas das competências emocionais como a identificação (Palmeira et. al, 2010), expressão (Halberstadt, 1986) e regulação emocional (Curvello & Mendes, 2020; Silva & Freire, 2014).

As competências emocionais têm sido relacionadas com o desempenho acadêmico e sucesso relacional e social em crianças e adolescentes na família e escola (Aparício et al, 2020). Assim como a qualidade do desenvolvimento e ajustamento social e emocional de crianças e adolescentes contribuindo tanto para a promoção quanto para a avaliação do nível de prazer e bem-estar ao longo da vida (Stevenson et. al, 2017; Brasseur et. al, 2013). Conseguir identificar, expressar e regular as emoções são habilidades essenciais no funcionamento social adaptativo (Schwartz et. al, 2016).

Crianças e adolescentes surdos podem apresentar prejuízos significativos na habilidade de identificação das emoções em si mesmos e nos outros (Rieffe & Meerum, 2006). Além disso, apresentam maior disposição para o isolamento, assim como dificuldades de aprendizagem e regulação emocional (Lobo, 2016). Além disso, apresentam uma menor percepção de bem-estar, maiores taxas de evasão escolar (Stevenson et al., 2017), relatam dificuldades familiares, e lidam com estigmas sociais e preconceitos (Bloese & Joshep, 2017).

Considerando a relevância do tema e as lacunas presentes na literatura, o presente estudo objetiva compreender o papel da comunicação familiar no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos. Além disso, busca caracterizar a percepção dos adolescentes sobre a qualidade das interações comunicacionais familiares e a sua relação com o desenvolvimento de competências emocionais nesse ambiente.

Método

Para alcançar os objetivos do presente estudo, foi adotado o delineamento qualitativo, transversal e exploratório. Dada a escassez de produções científicas sobre o tema, o caráter exploratório possibilita que questões pertinentes à comunidade surda e que até então foram pouco estudadas, pudessem se tornar mais familiares, por meio de relatos dos próprios adolescentes surdos e não apenas de terceiros (Minayo, 2012; Gerhardt & Silveira, 2009).

A coleta de dados ocorreu entre os meses de Março e Agosto do ano de 2023, na Central de Interpretação de Libras (CIL) da cidade de Vitória da Conquista-BA. As CIL's são parte da política desenvolvida pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (Oliveira et. al, 2012) que tem como objetivo a garantia irrestrita aos serviços públicos a surdos, deficientes auditivos e surdo cegos.

Os participantes foram convidados a partir de redes sociais e, a cada entrevista, era solicitado o contato de pessoas que se enquadrassem nos critérios estabelecidos. Como critérios de inclusão, foram definidos que os indivíduos selecionados para a entrevista deveriam ser adolescentes entre 12 e 18 anos, com perda auditiva severa ou profunda entre 70 e +90 decibéis, no período pré-lingual, entre 0 e 3 meses, filhos de pais ouvintes e usuários da Língua Brasileira de Sinais.

Como critérios de exclusão, foram estabelecidos adolescentes surdos com deficiência intelectual, surdos cegos ou que fizessem uso de tecnologias de apoio, como amplificadores ou próteses auditivas e aqueles filhos de pais surdos.

Como instrumentos, foram utilizados um questionário sociodemográfico para caracterização da amostra (ABEP, 2020) e entrevista semiestruturada. A entrevista foi composta por 13 itens elaborados pelos pesquisadores com base na literatura sobre desenvolvimento socioemocional (Brosseur et. al, 2013). As questões abrangem a comunicação intrafamiliar, assim como a percepção, compreensão, expressão, regulação e uso das emoções.

As traduções das entrevistas foram realizadas por tradutoras intérpretes profissionais familiarizadas com a pesquisa e os aspectos éticos envolvidos. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um gravador para o registro da tradução de voz e por vídeo, garantindo assim a fidedignidade dos dados.

Para a análise do conteúdo, foi utilizado o método proposto por Bardin (2011) que consiste em um conjunto de técnicas objetivas e sistemáticas com o objetivo de produzir inferências sobre os contextos de produção das falas a partir do conteúdo das mensagens produzidas. Para isso, são propostas três etapas, a saber: preparação das informações, transformação do conteúdo em unidades e tratamento dos resultados.

Os participantes foram informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, sobre o sigilo e o direito de desistir da participação no estudo, a qualquer momento. A participação na pesquisa esteve condicionada à autorização através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais e ao Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os adolescentes conforme previsto na resolução 510/2016 do CNS/MS. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, tendo recebido aprovação, conforme parecer consubstanciado de número 5.744.031.

Para a preservação da identidade dos participantes, serão utilizados nomes fictícios ao longo da discussão dos resultados e, qualquer informação que possibilite sua identificação, será omitida da pesquisa.

Resultados

As entrevistas tiveram a duração média de 18 minutos. A curta duração pode ser atribuída à temática complexa e sensível das emoções, o que não interfere na profundidade das respostas. A objetividade e o silêncio também podem ser interpretados em um tema em que faltam sinais para expressar as emoções que atravessam suas vivências.

Em contrapartida, um dos relatos é substancialmente diferente. Quem é identificada no corpo da discussão como Viviana, com 18 anos de idade, é inserida em um contexto diferente dos demais. A convivência com outros familiares surdos, mais velhos, influencia a dinâmica das interações cotidianas. A comunicação, o questionamento e a validação das emoções acontecem nas trocas mediadas por um vocabulário emocional rico em sua língua materna.

Mesmo no contato com a mãe, ouvinte, a comunicação não se apresenta como um obstáculo pela sua fluência na língua de sinais. Além disso, o compartilhamento de experiências com surdos sinalizadores fortalece a sensação de pertencimento a uma comunidade com costumes, regras e uma identidade própria.

Como resultado, foram encontradas duas categorias e três subcategorias a partir da análise dos dados produzidos, a saber: 1. Modos de comunicação e 2. Competências emocionais. Como subtópicos identificados a partir da literatura sobre as dimensões das competências emocionais, foram categorizadas as seguintes subcategorias: 2.1. Identificação das emoções; 2.2. Expressão emocional e 2.3. Regulação emocional.

Discussão

As diferenças individuais, sejam elas pessoais ou de contexto, influenciam no desenvolvimento de respostas emocionais e estratégias de enfrentamento dos participantes de maneiras diferentes. O desenvolvimento humano é multifatorial e, o

recorte de pesquisa sobre o papel das interações comunicacionais no desenvolvimento socioemocional permite a observação sobre um microsistema de análise importante, a família (Bronfenbrenner, 1986).

As famílias dos adolescentes entrevistados, oferecem diferentes níveis de suporte ao seu desenvolvimento. Aspectos comunicacionais, socioeconômicos, e culturais atravessam as possibilidades de desenvolvimento do repertório para adaptação à criança surda. Os responsáveis que acompanharam as entrevistas foram, exclusivamente, suas mães. Apenas uma participante, maior de idade, que compareceu à entrevista sozinha.

Os responsáveis pelos participantes exerciam o papel de cuidado pelo adolescente surdo. Em comparação a outros familiares, possuem um conhecimento maior em Libras, obtido como forma de possibilitar a interação cotidiana. A aproximação da língua aconteceu a partir de cursos oferecidos pela Central de Interpretação de Libras (CIL), da Prefeitura do município ou instituições de Ensino Superior. Alguns, se aprofundando na comunidade surda, continuaram se capacitando, chegando a formação superior em Letras Libras e exercendo a função de tradutor intérprete em diferentes contextos de atuação.

Modos de comunicação

Os modos de comunicação referem-se às diferentes formas pelas quais as pessoas trocam informações entre si. Enquanto a língua portuguesa se baseia na modalidade oral-auditiva, a Língua Brasileira de Sinais é visuoespacial (Moura et. al, 2011). Essa diferença estabelece obstáculos à comunicação de crianças surdas filhas de pais ouvintes que podem causar prejuízos ao desenvolvimento da linguagem e, como consequência de áreas que dependem da interação social para acontecer (Tiwari & Tiwari, 2012).

Embora a proposta bilíngue seja bem aceita entre pesquisadores e profissionais da área da educação surda, a falta de acesso à informação e os estigmas relacionados à deficiência são fatores que colaboram para que a maioria das crianças surdas chegue à escola sem com pouco ou nenhum conhecimento da Libras e/ou da língua portuguesa (Toffolo et. al, 2017).

Nos relatos das entrevistas conduzidas ao longo da pesquisa, estratégias de comunicação como a oralização, assim como o uso de gestos e sinais caseiros foram identificadas como frequentes no ambiente familiar: *“ela pede pra mim oralizar aí quando eu oralizo ela entende mais ou menos ...”* Júlia, 15 anos. Apesar disso, os cuidadores responsáveis pelos participantes possuíam algum conhecimento em Libras, fazendo com que estratégias alternativas como as citadas fossem restritas a determinados contextos.

Pontualmente, a adoção dessas estratégias de comunicação pode ser considerada parte do processo de transição que mescla as duas línguas dos participantes envolvidos numa conversação (Adriano, 2010). Entretanto, quando utilizada como único ou principal meio de comunicação, pode prejudicar a qualidade das interações e o desenvolvimento da pessoa surda, já gestos, sinais caseiros e mímicas possuem limitações quanto à complexidade do que pode ser comunicado (Cappellini, 2019).

Quando a comunicação com familiares ouvintes em Libras é possível, o nível de fluência não é o mesmo para todos, proporcionando uma condição heterogênea de interação. Sendo assim, as estratégias de comunicação podem variar a depender do

membro com quem se interage, indo do uso de gestos, *“O meu pai é o qual eu tenho mais dificuldade. Eu consigo compreender mais pelos gestos, comunicação e expressão gestual”* Viviana, ao se abster da interação na ausência da possibilidade do uso da língua de sinais *“através de libras ou as vezes eu fico quieto”* Marcos, 15 anos.

A diferença estabelecida entre os modos de comunicação do o adolescente surdo e sua família ouvinte pode levar a uma diminuição nas interações cotidianas. Na adolescência, é comum que haja um rompimento com a família em busca de novos referenciais identitários (Lobo, 2016). Motivado pelas mudanças incentivadas pelo acesso a outros ambientes como a escola, o adolescente surdo encontra possibilidades de identificação com profissionais e pares surdos que até então não era possível. Entretanto, até que essa seja uma possibilidade, a pessoa surda permanece isolada em seu ambiente familiar (Oliveira, 2017) repercutindo na sua relação com o mundo (Stelling & Torres, 2014).

Para pessoas surdas, as conversas com seus pares ouvintes com frequência é curta e entrecortada (Strobel, 2016). Além disso, em situações cotidianas as interações entre pessoas surdas e familiares ouvintes pode não acontecer ao mesmo tempo para as duas partes. Viviana, trás a tona essa questão em sua colocação: *“... quando eu percebo que eles estão conversando oralmente, eu pergunto: - o que vocês estão conversando? Então a comunicação pra mim ela chega de uma forma mais retardada, não se dá juntamente com a interação da família, no mesmo tempo”* Viviana.

Como aponta Strobel (2016), devido a essa diferença linguística, surdos podem não conseguir acompanhar os diálogos entre seus pares ouvintes. Como consequência, em interações familiares essas pessoas buscam frequentemente explicações para compreender o que está acontecendo ao seu redor. Esse atraso na comunicação, e a necessidade constante de pedir por informações para entender as interações que estão acontecendo, favorece a sensação de não pertencer àquele contexto: *“... a maioria deles interagem entre si, eu fico sozinha ... não tem uma conversa longa.”* Júlia.

Uma das irmãs ouvintes de Cíntia, 16 anos, possui uma compreensão melhor da Libras. Como consequência, se torna mediadora de algumas interações: *“ ... mas a minha irmã sempre intermedia nossas conversas, ela é como uma intérprete em casa”*. O componente da família que possui maior familiaridade com a língua de sinais, assume o papel de cuidado e intermediando as interações entre os outros membros. A longo prazo, isso pode acarretar uma sobrecarga na figura que se torna responsável por garantir que a comunicação entre os seus membros aconteça (Thomaz et. al, 2019).

Adquirir uma segunda língua é uma tarefa complexa. Para os pais, conciliar as readaptações necessárias no nascimento de uma criança com o aprendizado da Libras é desafiador. Além disso, sendo a língua gestual natural para pessoas surdas, existe um descompasso no aprendizado dos pais e da criança, já que essas passam a fluência com maior facilidade requerendo um investimento e aprimoramento constante.

O luto vivenciado nesse período pode se tornar um obstáculo à adaptação. Nesse contexto, a resistência em aceitar a condição reforça a ideia de que seus filhos podem atingir padrões de fala desejados, levando à imposição da língua oral às crianças (Monteiro et. al, 2016; Santana, 2007). Esse processo dificulta o reconhecimento da Libras como primeira língua da pessoa surda e como melhor alternativa para o desenvolvimento satisfatório.

O reconhecimento e contato com a comunidade surda potencializam esse aprendizado que não é apenas da criança, mas também da família. Estratégias de comunicação orais são substituídas, se tornando pouco frequentes e dando lugar a sinalização: “... o sinal quando eu ia fazer, tinha que escrever, eu escrevia pra eles entenderem, fazia datilologia. E hoje a família se tornou uma família mais fluente ...” Viviana.

A partir das falas de Viviana, é possível identificar o papel da Libras nas interações em suas relações familiares. A língua possibilita o compartilhamento de experiências que auxiliam na compreensão de suas emoções proporcionando um espaço seguro de acolhimento e validação. A comunicação é facilitada a partir da língua de sinais, tornando as interações familiares mais positivas e satisfatórias: “ ... quando a gente começa a se comunicar em Libras, a comunicação fica bem melhor”, Viviana.

Competências emocionais

As competências emocionais podem ser compreendidas como as habilidades desenvolvidas ao longo da vida para o manejo de demandas, mediadas pela cultura, que se desenvolvem nas interações do sujeito com outros indivíduos (Brasseur et al, 2013).

As cinco dimensões que compõem a competência emocional são descritas por Brasseur et al (2013) como: 1. Identificar (perceber quando uma emoção acontece) 2- Expressar (expressar suas emoções de uma forma socialmente aceita) 3- Compreender (compreender as causas e consequências das emoções) 4 - Regular (regular as emoções quando sua expressão não é apropriada ao contexto) 5 - Usar (capacidade de usar as emoções em um processo de reflexão sobre o contexto, assim como na tomada de decisões).

É preciso levar em consideração que a surdez não anula características individuais e próprias dessa fase do desenvolvimento, como pode ser percebida na colocação de Viviana: “*Eu falo muito pouco, eu não sou de conversar bastante ...*” ou pelo silêncio de Marcos que, apesar das respostas curtas e precisas, consegue descrever sentir vergonha ao conversar com outras pessoas, principalmente sobre suas emoções.

Identificação das emoções

A identificação emocional é a dimensão das competências emocionais que envolve a capacidade de reconhecimento e diferenciação das emoções (Brasseur, et al 2013). O contexto desencadeador, as reações fisiológicas, expressões faciais e corporais associadas à uma emoção são componentes importantes na discriminação das emoções (Wiefferink et. al, 2013).

Além disso, a identificação emocional requer que seja desenvolvido um vocabulário para a nomeação adequada das emoções (Wiefferink et al, 2013). Bosacki & Moore, (2004) apontam para evidências na literatura sobre o papel essencial da comunicação no desenvolvimento de habilidades emocionais. Sendo assim, crianças surdas podem apresentar prejuízos significativos na habilidade de identificação das emoções em si mesmas e nos outros (Rieffe & Meerum, 2006).

Entretanto, no relato das entrevistas conduzidas, os participantes descrevem uma aguçada capacidade no reconhecimento das emoções em outras pessoas. Atribuem o

desenvolvimento da habilidade à característica visual da língua de sinais que permite o reconhecimento e discriminação de expressões faciais com precisão. Viviana aponta para a questão do componente visual na Libras em sua fala: “ ... *na expressão facial eu consigo compreender de uma forma muito clara sobre o jeito das pessoas. A expressão facial, ela ajuda a entender e compreender como é o estado da pessoa, do sentimento da pessoa* ”.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais podem ser decompostas em unidades menores. Atualmente, são reconhecidos cinco parâmetros da língua de sinais, sendo eles: 1. Configuração de mão; 2. Movimento; 3. Direção; 4. Orientação; 5. Expressão não manual (Brito, 2010; Quadros, 2007).

As expressões não manuais incluem expressões faciais, corporais que dão intensidade e significado ao que está sendo dito. A característica gesto visual das línguas de sinais atribuem valor a características dos contextos importantes na identificação das emoções (Cardoso, 2018). Além disso, as expressões faciais são os recursos disponíveis para que esses adolescentes compreendam seu contexto, tornando essa característica também uma compensação que surge na impossibilidade de comunicar: “*a falta de comunicação quando era pequena eu conseguia compreender ela mais pela expressão facial ...*” Viviana.

No relato de Viviana, fica evidente o quanto o reconhecimento de emoções nos outros a partir da visualidade é uma habilidade refinada pelos obstáculos na comunicação ao longo do desenvolvimento. O reconhecimento de pistas contextuais possibilita um olhar e compreensão das emoções a partir de características da situação: “*quando a morte de um familiar, quando faleceu me pegou de surpresa eu fiquei triste ...*” Viviana.

Entretanto, isso não significa o desenvolvimento de um repertório para a diferenciação emocional. Essa habilidade pode ser compreendida como a aptidão para empregar palavras emocionais apropriadas, de maneira específica às situações emocionais vivenciadas no momento, evitando expressões genéricas. É importante ressaltar que a diferenciação emocional não está relacionada ao vocabulário usado para expressar a emoção, mas ao emprego coerente e distinto de palavras direcionado à situações emocionais específicas (Aparício et. al, 2020).

Com isso, apesar do componente visual da língua facilitar a identificação de emoções primárias, o repertório para a diferenciação das emoções é prejudicado. Júlia aponta para essa dificuldade em seu relato: “*Eu não consigo observar o sentimento do meu coração, o que que tem não, as vezes eu só sinto, mas não consigo entender o que eu tô sentindo*”. Enquanto Marcos tem dificuldade em descrever seus sentimentos em profundidade. Identifica sua raiva, mas apenas até certo ponto, sem conseguir aprofundar no significado subjetivo da emoção ou nas reações fisiológicas ou comportamentais relacionadas: “*com dor de cabeça e fechado por dentro*”.

Para Júlia, a dificuldade em identificar suas emoções leva à uma angústia por não compreender o que se sente. Estudos apontam para a relação negativa entre diferenciação emocional e psicopatologia (Israelashvili et. al, 2019). Além disso, a identificação e diferenciação emocional estão na base das competências emocionais e, sem o desenvolvimento satisfatório dessas habilidades, a expressão e regulação emocional são prejudicadas.

Na adolescência, a família permanece como ambiente de socialização primário, entretanto, nesse período pode ocorrer uma desvinculação do adolescente caso não haja

possibilidades de comunicação e identificação (Lobo, 2016). Viviana aponta para a função da família na compreensão de suas próprias emoções: “... *peço a minha família me explicar sobre isso e aí eles me explicando que eu consigo entender que isso é uma forma natural do ser humano, sentir raiva, que isso é uma forma natural, sentir nervosismo*”.

Além disso, nesse mesmo relato, aponta para como a família sendo um lugar seguro para a expressão e desenvolvimento fornece segurança para uma exploração das suas emoções em outros contextos: “*minha família me incentiva a continuar exercitando, lidando com isso e assim, mesmo triste, a gente consegue se comunicar*” Viviana.

Entretanto, isso não acontece para os outros adolescentes entrevistados. Mesmo que sejam acolhidos em determinados momentos, comunicar os seus sentimentos ainda é um obstáculo. Se tratando de emoções, muitas vezes essa troca não é possível quando, enquanto adolescentes, precisam assumir a responsabilidade de ensinar sua língua a familiares para possibilitar a comunicação. A respeito disso, Júlia descreve algumas interações com sua família onde assume em alguns momentos a tarefa de acalmar e orientar: “*Calma, que eu vou explicar, não se preocupa não, calma que eu vou explicar pra você, relaxa*”.

A inserção do adolescente em novos contextos de socialização favorece a construção de novos referenciais identitários (Lobo, 2016). O contato com pares surdos e/ou profissionais auxilia na superação de déficits sociais importantes e no desenvolvimento de habilidades, assim como na construção de sua identidade (Stelling et al, 2014). Para a família, a convivência com pessoas surdas adultas oferece um referencial de desenvolvimento e uma visão positiva do futuro (Stelling et al, 2014) facilitando a aceitação e adaptação às suas necessidades.

Expressão emocional

A habilidade de comunicar emoções engloba a sua expressão por meio de elementos verbais e não verbais de modo socialmente aceito (Brasseur et al, 2013). A expressão emocional refere-se a manifestação percebida das emoções através de comportamentos, expressões faciais e corporais, tons de voz e outros aspectos (Miguel, 2015). Esses sinais comunicam informações sobre o estado emocional de uma pessoa para os outros, facilitando a compreensão mútua e a interação social.

Além disso, o contexto cultural e a história individual têm influência significativa sobre a avaliação que determina quais estímulos provocam emoções e em como essa deve ser expressa de maneira aceitável (Gendron et. al, 2014).

A expressão verbal das emoções compreende a capacidade de comunicar estados emocionais por meio de palavras, sejam elas orais ou sinalizadas (Cardoso, 2018). Apesar das semelhanças entre os parâmetros das línguas orais e línguas de sinais, a diferença dos sentidos utilizados na comunicação implica na alteração da expressão emocional.

Quadros e Stumpf (2009), apontam que, enquanto as línguas orais usam a variação do tom, volume e pausa, a Libras utiliza as expressões faciais, posturas corporais e rítmicas com função semelhante. Entretanto, na Libras a expressão facial assume também a função de comunicação gramatical, diferenciando-a das línguas orais nesse aspecto (Cardoso, 2018).

O ensino tardio de uma língua implica no atraso do desenvolvimento da linguagem (Rovere et. al, 2018). Como consequência, áreas que dependem da comunicação para acontecer são prejudicadas. A expressão emocional satisfatória requer o aprendizado de um vocabulário adequado para a nomeação das emoções, assim como para a sua diferenciação (Wiefferink et. al, 2012).

Os adolescentes entrevistados tiveram um acesso tardio à língua de sinais. Seja pela resistência familiar ou pela dificuldade em acesso à informação no momento do diagnóstico, esse atraso é percebido pelos participantes como central em suas dificuldades de interação cotidianas. Júlia retrata o medo de não ser compreendida ao falar sobre o que sente pelo vocabulário restrito para identificar e descrever suas emoções: “... eu tenho medo de não ser compreendida, porque a minha Libras é muito básica ainda e às vezes eu não sei sinalizar o meu verdadeiro sentimento ...”.

Marcos, ao ser questionado sobre como era sentir raiva, consegue descrevê-la apenas como estar: “*com dor de cabeça e fechado por dentro*”. Mesmo sendo frequente, não consegue se aprofundar na descrição e significado subjetivo da emoção. A impossibilidade de comunicar suas emoções, leva ao isolamento do adolescente o que favorece a manutenção de emoções negativas em contextos de interação: “*não sinto capacitada assim, pra poder ser fluente, pra entender o que eu tô dizendo e pra poder sinalizar em Libras pra explicar pra as pessoas, aí as vezes eu fico triste por isso*” Júlia.

A dificuldade em falar sobre suas emoções não se limita ao sistema familiar, mas se estende a outros ambientes. Na escola, apesar da convivência com pares surdos que utilizam a língua de sinais, esses compartilham contextos e histórias semelhantes. O contato com surdos sinalizadores é potencialmente espaço para o desenvolvimento de competências emocionais, entretanto, essa precisa ser estimulada. O referencial de adultos e/ou profissionais surdos ou bilíngues nesses ambientes exerce um papel importante nesse desenvolvimento, assim como na construção de sua identidade.

A expressão não verbal é um componente central na comunicação das emoções que incluem o uso de gesticulação, expressões faciais e corporais, tom de voz, assim como comportamentos relacionados à fisiologia das emoções (Miguel, 2015). Entretanto, existem limitações quanto ao que pode ser comunicado dessa forma. É possível expressar o que está sentido, mas não apontar com exatidão as causas ou percepções subjetivas sobre a emoção. A expressão verbal complementa esse processo, possibilitando a elaboração e comunicação de estados emocionais complexos (Cardoso, 2018).

Na ausência de pares que compartilham uma língua, a expressão não-verbal é uma ferramenta de comunicação. Júlia, descreve o choro como a possibilidade de expressão da sua tristeza que acontece na impossibilidade de falar sobre as suas emoções: “*Quando tô triste, eu fico triste, choro, as pessoas não sabem o que eu tô sentindo*”. Para Marcos, na dificuldade de comunicar o que sente, a expressão facial e corporal comunicam sua raiva em contextos sociais: “*Fico de cara fechada, quando eu perco alguma brincadeira*”.

Os participantes também demonstram receio em expressar o que sentem, que estão para além das dificuldades de comunicação. Suas emoções não são compreendidas e, muitas vezes, se veem como um peso para a família: “*...Às vezes eu me calo diante de algumas situações em relação aos meus sentimentos ... eu não quero preocupar a minha mãe sobre ... os meus problemas ...*” Cíntia, ou medo de sofrerem

represálias: “ *Acho que é um segredo pessoal meu, é muito difícil falar sobre isso ... às vezes eu tenho medo de sofrer retaliação ... então eu prefiro guardar pra mim só*”.

Viviana aponta para como o compartilhamento de uma língua possibilita o questionamento sobre os seus sentimentos e os dos outros: “às vezes ... *minha mãe é muito séria, eu falo: “nossa, você está muito triste” e ela fala assim: - Não, eu tô normal. O meu jeito é esse*”. Além disso, possibilita a comunicação de suas próprias emoções e validação das pessoas próximas: “*Às vezes quando eu tô muito triste, eu vou tentar desabafar, é não é todo dia, às vezes eu explico pra eles sobre o sentimento eles pedem pra mim ter calma*” Viviana.

Os relatos apontam para questões importantes no desenvolvimento emocional de adolescentes surdos. Indivíduos punidos por expressar suas emoções tendem a inibir pistas não verbais do seu estado emocional. Em contrapartida, tendem a ser mais vulneráveis aos sinais emocionais dos outros, principalmente as não verbais (Halberstadt, 1983).

Regulação emocional

A regulação emocional se refere à capacidade de regular suas emoções de maneira apropriada ao contexto (Brosseur et al, 2013). As respostas frente às próprias emoções e a dos outros é atravessada pela compreensão daquilo que é adequado e possível de ser feito. Sendo assim, a cultura permanece como fator relevante na avaliação da validade de determinadas estratégias (Cruvinel & Boruchovitch, 2010). Segundo os mesmos autores, a literatura aponta para o aprimoramento das estratégias de regulação das emoções ao longo do desenvolvimento.

Quando a comunicação é possível, as respostas são ampliadas favorecendo uma tomada de decisão mais adequada ao contexto da emoção. Júlia, antes de acolher, busca verificar o estado emocional: “*eu pergunto: “Você tá triste? Por que você tá triste?”*”, assim como compreender os contextos desencadeadores da emoção. Entretanto, o repertório de estratégias para o acolhimento das emoções dos outros pode ser limitado. Diante da expressão de tristeza, Júlia relata com frequência: “*eu abraço, dou carinho , só isso*”, assim como Marcos, “*chega junto e faz carinho*” em diferentes situações.

A família exerce um papel importante no desenvolvimento socioemocional. Segundo Shaffer e Obradović (2016), o comportamento dos pais e a qualidade das interações entre eles e os filhos influenciam na eficácia dessa habilidade. Na falta de uma língua que medie a comunicação estratégias não verbais são utilizadas para acolher as emoções: “*eles me tratam assim, mais com beijo, com abraço, tentam me acalantar de alguma forma assim, uma expressão mais de toque, mas na comunicação não*” Júlia.

A forma como as emoções são acolhidas e compreendidas no contexto familiar compõem parte significativa do repertório que será generalizado para outras relações (Shaffer & Obradović, 2016). As estratégias de regulação emocional são influenciadas pelas crenças e valores dos pais sobre as emoções e o seu manejo (Meyer et al., 2014).

Para os participantes, as expressões não verbais de acolhimento das emoções como abraços, carinho e outras demonstrações de afeto são as estratégias mais recorrentes dentro do contexto familiar. Com isso, as estratégias de acolhimento das emoções de pessoas próximas também são não verbais e, permanecem sendo a principal estratégia, mesmo diante da possibilidade de comunicação com pares surdos.

Em relação às estratégias utilizadas na regulação das próprias emoções. Curvello e Mendes (2020), apontam para duas abordagens centrais, a reavaliação cognitiva e a supressão emocional. A reavaliação consiste na prática de olhar para as emoções e para respostas em determinada situação, o que permite o desenvolvimento permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico e ampliando o repertório de respostas emocionais, dentre outras habilidades (Curvello & Mendes, 2020).

Para Viviana, a possibilidade de sinalizar suas emoções, ser compreendida e manter um diálogo sobre suas emoções, permitiu uma ressignificação da experiência emocional como sendo natural, mesmo quando negativa: *“elas me explicando que eu consigo entender que isso é uma forma natural do ser humano, sentir raiva, que isso é uma forma natural, sentir nervosismo”* Viviana.

A utilização frequente da reavaliação cognitiva está relacionada negativamente a sintomas depressivos e positivamente à maior satisfação, otimismo e autoestima, assim como melhores relações com outros (Silva & Freire, 2014). Entretanto, processos de reavaliação cognitiva como o apresentado por Viviana, precisam que a comunicação seja uma possibilidade. Obstáculos na comunicação limitam as estratégias que podem ser utilizadas, sendo um dos fatores que influenciam a adoção de estratégias menos eficientes como a supressão emocional.

A supressão emocional também se encontra descrita nos relatos dos participantes como estratégia regulatória. A supressão emocional se refere à capacidade de inibir conscientemente as respostas emocionais adequando-as ao contexto (Gross & John, 2003): *“ ... de repente eu consigo dominar a situação e volto a minha rotina novamente”* Júlia.

Apesar de ser uma estratégia funcional a curto prazo, a supressão emocional pode ser resultado do receio de expressar suas emoções e se estender para contextos onde não seria uma estratégia adequada: *“ eu prefiro não deixar ela nervosa com meus problemas pessoais”* Cintia. Gross (2002) aponta que o uso frequente da supressão emocional no manejo das emoções está relacionado ao menor bem-estar, satisfação com a vida, autoestima e otimismo em relação ao futuro.

Considerações Finais

Na adolescência, a família permanece como espaço de significativa importância para o desenvolvimento global oferecendo suporte enquanto espaço seguro diante das novas experiências e responsabilidades desse período (Lobo, 2016). Enquanto característica diferencial no desenvolvimento, a surdez propõe desafios para o adolescente que lida com as mudanças e responsabilidades características desse período atravessado pelas dificuldades de comunicação.

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida como meio de comunicação e expressão da comunidade surda (BRASIL, 2002). Enquanto língua, sua estrutura gramatical, semântica e sintática (Quadros e Stumpf, 2009) permitem a comunicação de ideias abstratas e complexas como as que são necessárias na comunicação das emoções.

Sinalizar uma emoção é, em parte, simular sua expressão. Enquanto parâmetro da Libras, as expressões não manuais atribuem intensidade e significado ao que está sendo

dito (Cardoso, 2018). As expressões faciais e corporais presentes na sinalização facilitam a identificação, diferenciação e expressão das emoções.

Os adolescentes entrevistados descrevem em seus relatos como a característica visual da língua de sinais permite a identificação das emoções dos outros com facilidade. Entretanto, é preciso considerar que essa habilidade se desenvolve em contextos em que comunicar suas necessidades não é possível. Diante dessa impossibilidade, a identificação das emoções nos outros surge enquanto adaptação ao isolamento linguístico do adolescente surdo em contextos sociais como a escola e a família. Ainda assim, o que pode ser feito a partir da identificação do estado emocional dos outros é limitado devido ao restrito repertório para uso e regulação das emoções.

Autores como Rieffe & Meerum (2006) apontam que a identificação das emoções em si pode ser prejudicada em crianças surdas. Os participantes conseguem identificar com facilidade emoções básicas, mas tem dificuldades em diferenciar estados emocionais complexos ou descrever as reações fisiológicas relacionadas às emoções e seu significado subjetivo.

Em relação à expressão emocional, os entrevistados apresentaram significativa dificuldade em sinalizar suas emoções. A expressão emocional satisfatória requer o aprendizado de um vocabulário adequado para a nomeação das emoções, assim como para a sua diferenciação (Wiefferink et al, 2012). O aprendizado tardio da língua e o contato restrito com surdos sinalizadores adultos são fatores que dificultam a construção de um vocabulário para a expressão adequada das emoções.

Como consequência das dificuldades em identificar, diferenciar e expressar suas emoções, a regulação emocional é prejudicada. Os obstáculos presentes na comunicação restringem o desenvolvimento de repertório de estratégias para o manejo das emoções que. Diante disso, a supressão emocional é a estratégia descrita com maior frequência pelos participantes como modo de enfrentamento diante de emoções negativas.

A entrevista de Viviana forneceu um contraponto importante aos resultados. Na composição familiar com outros membros surdos, a experiência da perda auditiva, assim como a língua de sinais é compartilhada entre os membros. Com isso, a compreensão sobre suas emoções se desenvolve dentro das interações familiares, favorecendo o fortalecimento de sua identidade surda e a sensação de pertencimento. Entretanto, para os demais entrevistados a comunicação ainda é um obstáculo a ser superado nas interações familiares.

O estudo apresenta limitações que apontam para aspectos importantes na condução de pesquisas com a comunidade surda. Mesmo compondo o universo de indivíduos, a amostra foi limitada e permite inferências importantes, mas não generalizações. Segundo Brice e Strauss (2016), existe uma dificuldade em recrutar grandes amostras para que sejam realizadas o exame de hipóteses com algum poder preditivo. Essa é uma dificuldade recorrente encontrada em estudos conduzidos com pessoas surdas e aponta para questões de acesso a essa população.

É importante ressaltar que as dificuldades apresentadas pelos adolescentes não são decorrentes da surdez, mas dos obstáculos que surgem no desconhecimento da sociedade sobre a Libras e o seu papel no desenvolvimento surdo (Thomaz et al, 2019). Como aponta Vygotsky (2012), pessoas que nascem surdas não vivem a experiência da

perda auditiva, mas estando em um mundo orientado por normas auditivas, não tardam a vivenciar a experiência da deficiência.

Considerando o exposto, reitera-se a necessidade de investimento em pesquisas sobre a relação da comunicação de adolescentes surdos e seus familiares em seu desenvolvimento socioemocional.

Referências

ABEP - Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil / 2020
<<https://www.abep.org/criterio-brasil>> 07/03/08. Acesso em: 24 de mar. 2024.

ADRIANO, Nayara de Almeida. **Sinais caseiros: Uma exploração de aspectos linguísticos**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em:
https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_587e70330d8daf8187c82bdc3dea2aeb. Acesso em: 24 de mar. 2024.

APARÍCIO, Graça et al. Identificação de emoções e sentimentos: estudo exploratório com alunos do ensino básico. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.33, e-APE20190057, mar. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0057>. Disponível em:
<https://acta-ape.org/en/article/identifying-emotions-and-feelings-exploratory-study-with-elementary-and-high-school-students/> Acesso em: 24 mar. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLOSE, Zandile M.; JOSEPH, Lavanithum N. The reality of every day communication for a deaf child using sign language in a developing country. **African health sciences**, v. 17, n. 4, p. 1149-1159, 2017. Disponível em:
<<https://www.ajol.info/index.php/ahs/article/view/164384>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

BRASIL. Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. Brasília, 2002. Disponível em:<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 25 mar. 2024.

BRASSEUR, Sophie; GRÉGOIRE, Jacques; BOURDU, Romain; MIKOLAJCZAK, Moïra. The Profile of Emotional Competence (PEC): development and validation of a self-reported measure that fits dimensions of emotional competence theory. **PLoS One**, v. 8, n. 5, e62635, Maio 2013. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0062635> Disponível em:
<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0062635> Acesso em: 24 mar. 2024.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. 273 p. ISBN 9788528200690.

BRICE, Patrick J; STRAUSS, Gillie. Deaf adolescents in a hearing world: a review of factors affecting psychosocial adaptation. **Adolesc Health Med Ther**. v. 21, n. 7, p. 67-76, Abril 2016. doi: 10.2147/AHMT.S60261. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27186150/> Acesso em: 24 mar. 2024.

BRONFENBRENNER, Urie. Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. **Developmental Psychology**, v.22, n. 6, p. 723-742, nov. 1986. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723 Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1987-06791-001> Acesso em: 24 mar. 2024.

CAMPACHE, Jaqueline Jerseli; LIMA, Maria Cecilia Marconi Pinheiro; FRANÇOZO, Maria de Fátima Campos. Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos. **Distúrbios da Comunicação**, v. 31, n. 2, p. 297–307, Julho 2019. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2019v31i2p297-307> Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/38704> Acesso em: 24 mar. 2024.

CAPPELLINI, Michele Toso. Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11617>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CARDOSO, Edinalva Cardoso e. **A interface prosódia/pragmática nas expressões faciais das emoções dos surdos**. Orientadora: Francisca Maria Carvalho. 2018. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2018. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/1063> Acesso em: 24 mar. 2024.

CORSANO, Paola; MAJORANO, Marinella; CHAMPRETAVY, Lorella. Psychological well-being in adolescence: The contribution of interpersonal relations and experience of being alone. **Adolescence**, v. 41, n.162, p. 341-353, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16981621/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

CRUVINEL, Miriam; BORUCHOVITCH, Evely. Regulação emocional: A construção de um instrumento e resultados iniciais. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 231-250, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Zh8xHRFWC56KWNNqby5bvp/> Acesso em: 24 mar. 2024.

CURVELLO, Roberta Pereira; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes. Estratégias de regulação emocional de pais: uma revisão da literatura. **Psicologia Clínica**, v.32, n. 2, p. 231-250, Ago. 2020. ISSN 0103-5665. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0032n02A02> Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-5665202000020003 Acesso em: 24 mar. 2024.

DEVORE, Elise R.; GINSBURG, Kenneth. The protective effects of good parenting on adolescents. **Current Opinion in Pediatrics**, v. 17, n. 4, p. 460-465, Ago. 2005. <https://doi.org/10.1097/01.mop.0000170514.27649.c9> Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16012256/> Acesso em: 24 mar. 2024.

DIAS, Maria Olívia. A comunicação como processo de interação e de integração no sistema familiar—os valores. **Gestão e Desenvolvimento**, v. 1, n. 23, p. 85-105, jan. 2015. <https://doi.org/10.7559/gestaoedesenvolvimento.2015.273> Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/gestaoedesenvolvimento/article/view/273> Acesso em: 24 mar. 2024.

GENDRON, Maria et al. Perceptions of emotion from facial expressions are not culturally universal: evidence from a remote culture. **Emotion**, v. 14, n. 2, p. 251, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24708506/> Acesso em: 24 mar. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806> Acesso em: 24 mar. 2024.

GROSS, James J. Emotion regulation: Affective, cognitive, and social consequences. **Psychophysiology**, v. 39, n. 3, p. 281-291, Maio, 2002. <https://doi.org/10.1017/s0048577201393198> Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12212647/> Acesso em: 24 mar. 2024.

GROSS, James J; JOHN, Oliver P. Individual differences in two emotion regulation processes: Implications for affect, relationships, and well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 85, n. 2, p. 348-362, Ago. 2003. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.85.2.348> Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12916575/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

GUARINELLO, Ana Cristina. A influência da família no contexto dos filhos surdos. **Jornal Brasileiro de fonoaudiologia**, v. 3, p. 28-33, 2000. J. Bras. Fonoaudiol., Curitiba, v. 3, pp. 28-33, 2000.

HALBERSTADT, Amy G. Family expressiveness styles and nonverbal communication skills. **Journal of Nonverbal Behavior**, v. 8, n. 1, p. 14–26, 1983. <https://doi.org/10.1007/BF00986327> Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1985-11638-001> Acesso em: 24 mar. 2024.

HALBERSTADT, Amy G. Family socialization of emotional expression and nonverbal communication styles and skills. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, n. 4, p. 827–836, 1986. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.51.4.827> Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1987-02880-001> Acesso em: 04 mar. 2024.

ISRAELASHVILI, Jacob; OOSTERWIJK, Suzane; SAUTER, Disa; FISCHER, Agneta. Knowing me, knowing you: emotion differentiation in oneself is associated with recognition of others' emotions. **Cogn Emot.** v. 33, n. 7, p. 1461-1471, Nov. 2019. <https://doi.org/10.1080/02699931.2019.1577221> Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30734635/> Acesso em: 24 mar. 2024.

LOBO, Márcia Cristina. Adolescente surdo e os conflitos da idade: o olhar da Psicologia. **Revista NEP**, Curitiba, v. 2, n. 5, p. 132-143, Dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.5380/nep.v2i5.49565> Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/49565> Acesso em: 24 mar. 2024.

MEYER, Anne; ROSE, David H.; GORDON, David. **Universal design for learning: Theory and Practice**. Wakefield, MA: CAST Professional Publishing, 2014.

MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-usf**, v. 20, n. 1, p. 153–162, Abril, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/FKG4fvfsYGHwtn8C9QnDM4n/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n.3, 621-626, Mar. 2012. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMf/> Acesso em: 25 abril 2022.

MONTEIRO, Rosa; SILVA, Daniele Nunes Henrique; RATNER, Carl. Surdez e Diagnóstico: narrativas de surdos adultos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 32, n. spe, p. 1-7, 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne210> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/JwGQVSPqRm7mWwNn359jvJz/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

MOURA, Maria Cecília de. **A escola bilíngue para surdos: uma realidade possível**. Cap. VII, p.155-168. In: SÁ, Nídia Regina Limeira de (Org.) Surdos: qual escola? Manaus: Editora Valer e Edua, 2011. 302p.

OLIVEIRA, Ana Marta Gomes. **As emoções: regulação emocional em adolescentes em acolhimento institucional**. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) - Universidade Católica Portuguesa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/22360>>

OLIVEIRA, Luiza Maria Borges et al. Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência. **Brasília: Sdh-pr/snpd**, p. 17, 2012. Disponível em: <<https://inclusao.enap.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido-original-eleitoral.pdf>>

PALMEIRA, Lara; GOUVEIA, José Pinto; DINIS, Alexandra; LOURENÇO, Sara; VELOSO, Mário. O efeito mediador da regulação emocional na relação entre a expressividade emocional da família de origem e as reacções maternas à expressão de emoções positivas das crianças. **Psychologica**, v. 2. n. 52–II, p. 423–447, Jun. 2010. https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-2_18 Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_52-2_18> Acesso em: 24 mar. 2024.

PETRUCCI, Giovanna Wanderley; BORSA, Juliane Callegaro; KOLLER, Sílvia Helena. A Família e a escola no desenvolvimento socioemocional na infância. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 391-402, jun. 2016. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.2-01Pt> Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X201600020001 Acesso em: 24 mar. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais Brasileira estudos linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2007. 221 p.

QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne. **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. 168 p.

RIEFFE, Carolien; MEERUM, Mark Terwogt. Anger communication in deaf children. **Cognition and Emotion**, v. 20, n. 8, p. 1261–1273, Dez. 2006. <http://dx.doi.org/10.1080/02699930500513502> Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247497298_Anger_communication_in_deaf_children Acesso em: 24 mar. 2024.

ROVERE, Natália Caroline; LIMA, Maria Cecília Marconi Pinheiro; SILVA, Ivani Rodrigues. A comunicação entre sujeitos surdos com diagnóstico precoce e com diagnóstico tardio e seus pares. **Distúrbios Da Comunicação**, v. 30, n. 1, p. 90–102, Abril 2018. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i1p90-102> Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/34397> Acesso em: 24 mar. 2024.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus, 2015.

SCHWARTZ, Fernanda Tabasnik; LOPES, Graziela Pereira; VERONEZ, Lauren Frantz. A importância de nomear as emoções na infância: relato de experiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, v.20, n. 3, p. 637-639, Dez. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/02031019> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/fvfXxhQpLRgGjwNQW4dMkfb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, Mar. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/abstract/?lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

SHAFFER, Anne; OBRADOVIC, Jelena. Unique contributions of emotion regulation and executive functions in predicting the quality of parent-child interaction. **Journal of Family Psychology**, v. 31, n. 2, p. 150-159, Dez. 2016. <https://doi.org/10.1037/fam0000269> Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27929314/> Acesso em: 24 mar. 2024.

SILVA, Eliana Marisa Araújo; FREIRE, Teresa. Regulação emocional em adolescentes e seus pais: Da psicopatologia ao funcionamento ótimo. **Análise Psicológica**, v. 32, n. 2, p. 187–198, Jun. 2014. DOI: 10.14417/ap.746 Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/63943> Acesso em: 24 mar. 2024.

SOARES, Isabel. **Relações de Vinculação ao longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação**. Braga: Psiquilibrios, 2009, p. 161-191. ISBN: 978-972-97388-4-5.

SOUSA, Francione. (2015). **A importância da comunicação familiar**. 2015. Disponível em <http://familia.com.br/a-importancia-da-comunicacao-fam>. Acesso em: 24 mar. 2024.

STELLING, Esmeralda. Peçanha. Pais ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. **Revista Espaço**. Rio de Janeiro, v. 0, n. 42, 2014. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/106/94> Acesso em: 14 jun. 2021.

STEVENSON, Jim; PIMPERTON, Hannah; KREPPNER, Jana; WORSFOLD, Sarah; TERLEKTSI, Emmanouela; KENNEDY, Colin. Emotional and behaviour difficulties in teenagers with permanent childhood hearing loss. **International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology**, v. 101, p. 186–195, Out. 2017. <https://doi.org/10.1016/j.ijporl.2017.07.031> Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5636620/> Acesso em: 24 mar. 2024.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

THOMAZ, Manuela Maschendorf; MILBRATH, Viviane Marten; GABATZ, Ruth Irmgard Bärtschi; FREITAG, Vera Lúcia; VAZ, Jéssica Cardoso. Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva. **CoDAS**, v. 32, n. 06, p. 01-06, Dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019147> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/zLsgYXC4ZJM7rXXqxSywSpy/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

TIWARI, Manjul; TIWARI, Maneesha. Voice How humans communicate? **J Nat Sci Biol Med**. v. 3, n.1, p. 3-11, Jan. 2012. doi: 10.4103/0976-9668.95933. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22690044/#:~:text=Voices%20are%20important%20things%20for,into%20the%20fabric%20of%20speech>. Acesso em: 24 marc. 2024.

TOFFOLO, Andreia Chagas Rocha; BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida; VILHENA, Douglas de Araújo; PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. Os benefícios da oralização e da leitura labial no desempenho de leitura de surdos profundos usuários da Libras. **Revista Brasileira De Educação**, v. 22, n. 71, e227165, 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227165> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/pQsrq4swznPfhm9djvsPXkc/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

TOMÉ, Gina; CAMACHO, Inês; MATOS, Margarida Gaspar de; DINIZ, José Alves. A influência da comunicação com a família e grupo de pares no bem-estar e nos comportamentos de risco nos adolescentes portugueses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 24, n. 4, p. 747-756, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722011000400015> Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/SZPwNj8mjWmCKzyq9L6MJM/?lang=pt> Acesso em: 24 mar. 2024.

VYGOTSKY, L. S. Tomo V. **Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor. Obras Escogidas, 2012.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WIEFFERINK, Carin H.; RIEFFE, Carolien; KATELAAR, Lizet; REAEVE, Leo de; FRIJNS, Johan H. M. Emotion understanding in deaf children with a cochlear implant. **Journal of deaf studies and deaf education**, v. 18, n. 2, p. 175–186, Out. 2013. <https://doi.org/10.1093/deafed/ens042> Disponível em:

<https://academic.oup.com/jdsde/article/18/2/175/366962> Acesso em: 24 mar. 2024.

5.3 Produto Técnico Tecnológico (PTT).

Por escolha dos autores, o conteúdo para leitura do produto é disponibilizado a seguir e o seu resultado final pode ser acessado através do link disponível no título do produto.

Proposta de Intervenção: Orientação Parental para Tutores Ouvintes de Adolescentes Surdos

A surdez é uma condição diversa vivenciada de forma única por cada indivíduo. O grau e o momento da perda auditiva impactam significativamente a experiência, influenciando o desenvolvimento. A idade e exposição ao som na infância, assim como a linguagem oral são cruciais, com um desenvolvimento facilitado conforme maior idade e experiência (Marchesi, 1996). Perdas auditivas precoces, durante a gestação ou nos primeiros meses, têm impacto mais pronunciado, tornando desafiador o processo de socialização da criança com familiares desde o início (Lobo, 2016).

Crianças surdas são, em sua maioria, filhas de pais ouvintes (Skliar, 1998). Os obstáculos encontrados nas interações familiares desde o nascimento podem prejudicar o desenvolvimento da linguagem. A diferença na modalidade como a comunicação acontece para crianças surdas de pais ouvintes pode impactar negativamente o desenvolvimento global, causando insegurança e retração nos relacionamentos, aumentando a vulnerabilidade (Santos & Molon, 2016).

A diferença estabelecida no nascimento de uma criança surda pode impactar a qualidade de suas interações. Quando não há acesso a ferramentas de comunicação que possibilitem trocas sociais, o prejuízo na linguagem se estende a outras áreas do desenvolvimento que dependem da comunicação para acontecer. As readaptações necessárias para suprir as necessidades nesse momento requerem investimento de tempo, energia e acesso a recursos que podem ser limitados.

Na adolescência, a surdez se apresenta como uma característica distintiva. Para o adolescente surdo é necessário conciliar as mudanças físicas e cognitivas características dessa fase com desafios nas interações comunicacionais (Campache et al., 2019). Crianças e adolescentes com deficiência auditiva apresentam maior disposição para o isolamento, assim como dificuldades de aprendizagem e regulação emocional (Lobo, 2016). Além disso, apresentam uma menor percepção de bem-estar, maiores taxas de evasão escolar (Stevenson et al., 2017), dificuldades familiares, bem como lidam com estigmas sociais e preconceitos (Blose & Joshep, 2017).

Um processo de comunicação parental eficiente é mediador dos processos de desenvolvimento e influência na autoestima e auxilia na construção de estratégias de enfrentamento, assim como no desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança e do adolescente (Napoli et. al., 2015; Campache et. al., 2019; Marquete et. al., 2020).

Guarinello (2000) destaca a importância de que o suporte inicial à pessoa surda aconteça na família. Intervenções com pais objetivam a prevenção e o desenvolvimento de regulação emocional, assim como promoção de mudanças comportamentais em crianças e adolescentes. Grupos de orientação parental tem sido uma estratégia eficiente para oferecer suporte no desenvolvimento de habilidades educativas, discussões de princípios, questões de relacionamento e promoção de melhor qualidade no relacionamento entre pais e filhos (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Bolsoni-Silva et al., 2008). Além disso, permitem a troca de experiências e informações que podem ser significativas.

Este material contempla a exigência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), que orienta que, para a conclusão do Mestrado Profissional, sejam elaborados produtos técnicos (protocolos, propostas de intervenção, dentre outros) que tenham aplicação prática no ambiente de trabalho. Sua criação surge como iniciativa do mestrado profissional do psicólogo Gabriel Pereira Mendes, na área da Psicologia da Saúde da UFBA, sob a orientação da professora e pesquisadora Dra. Edi Cristina Manfroi e colaboração do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Humano (NEEDH).

O conteúdo aqui presente baseia-se em estudos, pesquisas científicas e na experiência profissional dos envolvidos. Esperamos que o material contribua para a construção de uma psicologia mais inclusiva com a oferta de ferramentas essenciais para o desenvolvimento de práticas educativas positivas.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Desenvolver habilidades sociais e comunicativas de tutores ouvintes de adolescentes surdos.

2.2 Objetivos Específicos

- Promover espaço de troca de experiências e informações entre tutores de adolescentes surdos.
- Psicoeducar os tutores sobre aspectos emocionais na adolescência no atravessamento da surdez.

- Psicoeducar os tutores a respeito do papel da língua de sinais no desenvolvimento da criança/adolescente surdo.
- Apresentar ferramentas e desenvolver ferramentas de comunicação empática e regulação emocional.
- Orientar os tutores quanto a práticas parentais positivas.
- Promover espaço de troca de experiências e informações entre tutores de adolescentes surdos.
- Incentivar a inserção ativa dos cuidadores na comunidade surda.

3. METODOLOGIA

Essa proposta de intervenção trata-se de uma orientação parental direcionada ao desenvolvimento de habilidades sociais e de comunicação para tutores de adolescentes surdos. As sessões foram construídas a partir dos modelos propostos pelo Programa de Orientação de Pais (PROPAIS II) do Laboratório de Pesquisa e Intervenção Cognitivo-comportamental (LaPICC-USP) (Cassiano & Neufeld, 2014) e do proposto por Bolsoni-Silva, (2007).

A partir disso, foram realizadas adaptações na construção das intervenções a partir dos resultados da pesquisa intitulada “o papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos” realizada no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Saúde (PPGPS) do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia.

4.1 Participantes

Serão admitidos no grupo tutores de adolescentes surdos entre 12 e 18 anos, segundo os critérios do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Como critérios de inclusão serão considerados tutores de adolescentes surdos entre 12 e 18 anos de idade e passar pela entrevista de triagem que tem por objetivo caracterizar os participantes e suas principais demandas. Como critérios de exclusão, serão desconsiderados para participação no grupo tutores de pessoas surdas fora da faixa etária estabelecida ou que tenham outras comorbidades diagnosticadas como deficiência intelectual, assim como tutores surdos.

4.2 Procedimentos

Os grupos estão previstos para serem ofertados no segundo semestre de 2024. Serão compostos por, no máximo, 10 participantes e terão duração aproximada de duas horas com

frequência semanal. Cada intervenção abordará aspectos teóricos e práticos a serem discutidos e adaptados às demandas dos participantes e orientação de atividades para serem realizadas no intervalo das intervenções.

Ao início de cada encontro, é apresentado o conteúdo a ser abordado permitindo aos participantes o reconhecimento do tema e o tempo disponível para o desenvolvimento de cada atividade. Além disso, é feito um resumo do que foi discutido na semana anterior de modo a reforçar o que foi apreendido e estabelecer a continuidade do assunto.

Ao final de cada encontro, são propostas atividades relacionadas ao tema com o objetivo de criar condições de aplicação prática dos temas abordados. A cada sessão os resultados das atividades são apresentados brevemente, quando relevante para a compreensão do tema, podem ser melhor desenvolvidas.

Quadro 1

Descrição das intervenções.

Módulo 1 – Introdução a libras e a comunidade surda (14h)	
1º	Apresentação do grupo, dinâmica de apresentação e estabelecimento do contrato terapêutico.
2º	História surda e Políticas Públicas.
3º	Introdução a libras - Alfabeto manual.
4º	Introdução a libras - Os cinco parâmetros da Libras.
5º	Introdução a libras - Desenvolvendo vocabulário 1.
6º	Introdução a libras - Desenvolvendo vocabulário 2.
7º	Integração dos conteúdos abordados, devolutivas e orientações.
Módulo 2 – Noções de desenvolvimento e intervenções comportamentais (14h)	
1º	Noções de desenvolvimento na adolescência: atravessamentos da surdez.
2º	Noções de comunicação eficaz entre pais e filhos.
3º	Regras e limites: formas de estabelecê-los.

4º	Consequências para o comportamento adequado: reforçamento.
5º	Consequências para comportamentos inadequados; o problema da punição.
6º	Relacionamento afetivo e qualidade da interação com os adolescentes.
7º	Retomada dos conceitos aprendidos e dúvidas presentes.
Módulo 3 - Intervenções cognitivas (12h)	
1º	Psicoeducação sobre modelo cognitivo.
2º	Distorções cognitivas e sua influência na educação.
3º	Treino de manejo de emoções em situações difíceis.
4º	Resolução de problemas.
5º	Retomada dos conceitos aprendidos e das dúvidas presentes.
6º	Encerramento.

MÓDULO 1 – Introdução a Libras e a Comunidade Surda (14h)

O módulo tem como objetivo introduzir os participantes aos aspectos da comunidade e cultura surda, assim como aos princípios da comunicação em Língua Brasileira de Sinais e direitos da pessoa surda. Além disso, visa promover a comunicação entre cuidadores ouvintes e adolescentes surdos possibilitando o desenvolvimento de interações e práticas parentais positivas.

Primeiro encontro: Apresentação do grupo e abertura de roda de conversa com o objetivo de reconhecer as demandas e expectativas dos participantes em relação ao grupo. Definição de regras, objetivos e estabelecimento do contrato terapêutico e identificação das principais dificuldades dos participantes na aprendizagem da língua de sinais.

Segundo encontro: Aula expositiva sobre a história e cultura surda, assim como Políticas Públicas que garantem os direitos das pessoas com deficiência.

Terceiro encontro: Discussão sobre o papel da Libras na comunicação e desenvolvimento da pessoa surda e identificação das dificuldades em relação ao aprendizado da língua e de interação com adolescentes surdos. Introdução ao alfabeto manual em Libras.

Quarto encontro: Apresentação de aspectos importantes na comunicação com pessoas surdas como contato visual e expressão facial e introdução aos cinco parâmetros da Libras: 1- Configuração de mão; 2- Movimento; 3- Orientação das mãos; 4- Direção; 5- Expressões não manuais.

Quinto encontro: Desenvolvimento de vocabulário de sinais básicos, cumprimento, marcações de tempo e lugar.

Sexto encontro: Desenvolvimento de vocabulário de sinais básicos, família e emoções.

Sétimo encontro: Orientações, devolutivas e avaliação do módulo.

Módulo 2 – Noções de desenvolvimento e intervenções comportamentais (14h)

O módulo tem como objetivo introduzir os participantes a aspectos relevantes do desenvolvimento da adolescência para a prática atravessada pela surdez e desenvolver, promover práticas educativas positivas, assim como reduzir práticas educativas negativas a partir do desenvolvimento de repertório de intervenções comportamentais.

Primeiro encontro: Apresentar noções do desenvolvimento na adolescência como as mudanças físicas, cognitivas e sociais e principais tarefas do desenvolvimento e as implicações da surdez nesse período. Psicoeducação sobre o comportamento e suas consequências com base e a influência das ações dos pais no comportamento dos adolescentes.

Segundo encontro: Desenvolver repertório sobre comunicação, como iniciar e manter uma conversa, com discussão de situações relatadas pelos participantes onde perceberam dificuldades em estabelecer uma conversação com compreensão mútua. Identificação de problemas e interpretações desadaptativas na comunicação com pessoas surdas e construção de estratégias funcionais.

Terceiro encontro: Apresentação de noções sobre contingências e consequências do comportamento com a introdução do conceito de reforço positivo e desenvolvimento das possibilidades de aplicação em diferentes contextos apresentados pelos participantes.

Quarto encontro: Continuidade do tema sobre contingências do comportamento com a apresentação do conceito de punição. Discussão sobre aspectos culturais e da história de vida dos participantes na relação com práticas punitivas avaliando suas consequências na qualidade do relacionamento. Desenvolvimento de repertório alternativo relacionado às noções de reforço abordadas no encontro anterior.

Quinto encontro: Desenvolvimento de repertório para a construção de regras e estabelecimento de limites efetivos. Aplicação dos conceitos de reforço e punição no estabelecimento de regras e implicações das diferenças linguísticas em sua comunicação.

Sexto encontro: Discussão sobre a qualidade das interações e do relacionamento e envolvimento afetivo com os adolescentes surdos com a reflexão de como as diferenças culturais e linguísticas impactam os relacionamentos. Retomada da importância de inserção na comunidade surda e do contato com surdos sinalizadores.

Sétimo encontro: Retomada dos conceitos aprendidos e dúvidas presentes.

Módulo 3 – Intervenções Cognitivas (12h)

O módulo tem como objetivo introduzir os participantes a aspectos cognitivos aplicados à interação com adolescentes surdos possibilitando o desenvolvimento de novas interpretações sobre situações difíceis e ferramentas no manejo das emoções. Além disso, visa orientar práticas de educação positivas direcionadas à resolução de problemas eficiente.

Primeiro encontro: Psicoeducação sobre o modelo cognitivo aplicado ao reconhecimento e manejo de pensamentos e emoções nas práticas educativas. Desenvolvimento de habilidades no reconhecimento de pensamentos e sentimentos a partir das situações relatadas até o momento e discussão sobre a relevância do pensamento sobre os sentimentos e comportamentos.

Segundo encontro: Avaliação da funcionalidade das interpretações na interação com adolescentes e introdução no contexto de distorções cognitivas com a promoção de reflexão sobre sua influência na qualidade do relacionamento.

Terceiro encontro: Avaliar as estratégias utilizadas pelos participantes no manejo de situações difíceis e apresentar um modelo para a resolução de problemas a partir da identificação, descrição e construção do plano de ação eficiente.

Quarto encontro: Desenvolvimento de estratégias no manejo das emoções em situações difíceis. Identificar os sentimentos mais frequentes para os participantes e apresentar estratégias como reavaliação cognitiva, respiração diafragmática.

Quinto encontro: Retomada dos conceitos aprendidos e das dúvidas presentes.

Sexto encontro: Orientações, devolutivas e avaliação do módulo e do programa.

REFERÊNCIAS

- Blose, Z. M., & Joseph, L. N. (2017). The reality of every day communication for a deaf child using sign language in a developing country. *African health sciences*, 17(4), 1149-1159.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 7, 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T. (2007). Intervenção em grupo para pais: descrição de procedimento. *Temas em Psicologia*, 15(2), 217-235.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-
- Bolsoni-Silva, A. T., Silveira, F. F., & Marturano, E. M. (2008). Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(2), 125-142.
- Campache, J. J., Lima, M. C. M. P., & Françoço, M. D. F. C. (2019). Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos. *Distúrbios da Comunicação*, 31(2), 297–307.
<https://doi.org/10.23925/2176-2724.2019v31i2p297-307>
- Cassiano, M., & Neufeld, C. B. (2014). PROPAIS II – programa cognitivo-comportamental de orientação de pais visando à promoção de saúde. In C. B. Neufeld (Org.), *Intervenções e pesquisas em terapia cognitivo-comportamental com indivíduos e grupos* (pp. 148-180). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Guarinello, A. C. (2000). A influência da família no contexto dos filhos surdos. *Jornal Brasileiro de fonoaudiologia*, 3, 28-33
- Lei nº 8.069 de 13/07/1990, Lei n.º 8069 (1990, 16 de julho) (Brasil). *Diário Oficial da União*. <https://legis.senado.leg.br/norma/549945>
- Lobo, M. C. (2016). Adolescente surdo e os conflitos da idade: o olhar da Psicologia. *Revista Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR*, 2(5), 132-143.
- MARCHESI, A. (1995). Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas. *Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar*, 3, 198-214.
- Marquete, V. F., dos Reis, P., Silva, E. S., Marchini, K. B., Costa, M. A. R., & Marcon, S. S. (2020). Influência da habilidade comunicacional dos pais nas orientações de saúde ao filho surdo [Influence of parents' communication skills on health guidelines for deaf

children][Influencia de las habilidades de comunicación de los padres en las pautas de salud para niños sordos]. *Revista Enfermagem UERJ*, 28, e52265-e52265.

Napoli, D. J., Mellon, N. K., Niparko, J. K., Rathmann, C., Mathur, G., Humphries, T., ... & Lantos, J. D. (2015). Should all deaf children learn sign language?. *Pediatrics*, 136(1), 170-176.

Neufeld, C. B., Godoi, K., Rebessi, I. P., Maehara, N. P., & Mendes, A. I. F. (2018). Programa de Orientação de Pais em Grupo: Um estudo exploratório na abordagem Cognitivo-Comportamental. *Revista Psicologia Em Pesquisa*, 12(3), 33-43. <https://dx.doi.org/10.24879/2018001200300500>

Santos, S. F., & Molon, S. I. (2016). Preconceito e bullying na constituição de uma professora de libras: experiências de uma surda. *Revista Educação Especial*, 29 (56), 723. <https://doi.org/10.5902/1984686x20179>

Skliar, C. A. (1998). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação. 192.

Stevenson, J., Pimperton, H., Kreppner, J., Worsfold, S., Terlektsi, E. & Kennedy, C. (2017). Emotional and behaviour difficulties in teenagers with permanent childhood hearing loss. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, 101, 186–195. <https://doi.org/10.1016/j.ijporl.2017.07.031>

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura nacional e internacional sobre a surdez apontam para lacunas importantes nos estudos da área. Com frequência, pesquisas sobre a surdez têm como objetivo a comparação do desenvolvimento da linguagem entre crianças surdas e seus pares ouvintes (Thomaz et al., 2020). Entretanto, a adolescência, família e desenvolvimento socioemocional de pessoas surdas são temas pouco abordados em pesquisas e se tornam incipientes quando considerada a intersecção dos temas.

Considerando a questão apresentada, a presente dissertação objetivou compreender o papel das interações comunicacionais entre familiares ouvintes e adolescente surdo no seu desenvolvimento socioemocional. Como objetivos específicos, buscou: (1) Caracterizar a percepção dos adolescentes sobre o seu desenvolvimento socioemocional; (2) Investigar a percepção dos adolescentes quanto à qualidade das interações comunicacionais familiares; (3) Analisar a relação da modalidade (oral/gestual) de comunicação no desenvolvimento socioemocional dos adolescentes surdos; (4) Elaborar a proposta de um grupo de orientação parental.

Os dados produzidos a partir da coleta e análise das entrevistas permitiram responder a pergunta inicial e alcançar os objetivos propostos. Em relação à caracterização da percepção dos adolescentes sobre o seu desenvolvimento socioemocional (1), a característica visual da Libras se apresenta como central no processo de identificação das emoções para os participantes.

Nos relatos das entrevistas é possível notar a dificuldade em expressar suas emoções atribuídas ao limitado vocabulário para a sinalização satisfatória. O aprendizado tardio da língua, assim como o contato restrito a referenciais surdos adultos contribuem para essa dificuldade. Como consequência dos obstáculos para diferenciar e expressar emoções, a regulação emocional é prejudicada. O repertório se torna limitado e a supressão emocional se destaca nesse contexto como uma estratégia de regulação frequente.

Quanto à percepção da qualidade das interações comunicacionais familiares (2), os relatos destacam as dificuldades de comunicação devido ao desconhecimento da língua de sinais. As conversas nesses ambientes são curtas e entrecortadas, dificultando a compreensão do que acontece ao seu redor. Strobel (2016), destaca que com frequência, pessoas surdas precisam questionar as pessoas ao seu redor para compreender a situação. Como consequência, as interações cotidianas não acontecem ao mesmo tempo para pessoas surdas e ouvintes, levando ao isolamento da pessoa surda.

A comunicação não acontece do mesmo modo para todos os membros. O nível de fluência e interesse pela língua de sinais pode ser diferente para os componentes da família favorecendo que figuras específicas assumam o papel de mediação das interações entre a pessoa surda e seus outros membros.

Sobre a relação da modalidade (oral/gestual) de comunicação no desenvolvimento socioemocional (3), foi possível notar como a modalidade de comunicação entre família ouvinte e pessoa surda pode implicar no empobrecimento do seu vocabulário para a diferenciação e expressão das emoções. A diferença linguística estabelecida no nascimento de uma criança surda em uma família ouvinte pode implicar em prejuízos ao seu desenvolvimento. É importante ressaltar que as dificuldades encontradas a partir dos relatos não são em decorrência da deficiência auditiva ou da adoção da língua de sinais, mas da forma como a perda auditiva é abordada cotidianamente. O diagnóstico precoce possibilita a construção de intervenções que permitam o desenvolvimento satisfatório de pessoas surdas.

O estudo apresentou limitações no acesso a população definida como público alvo da pesquisa. Apesar de compor parte significativa da população do município, a participação na pesquisa não foi possível para alguns dos convidados. A distância dos serviços onde foram realizadas as entrevistas, assim como a acessibilidade e mobilidade desses espaços se apresentou como um obstáculo ao longo da pesquisa. Essa limitação confirma obstáculos geográficos e linguísticos na realização de pesquisas com a população surda (Brice & Strauss, 2016).

Durante a execução do projeto, foi necessário realizar alterações no cronograma inicial devido a imprevistos relacionados ao espaço definido para a coleta de dados. No segundo semestre de 2022, as fortes chuvas no município de Vitória da Conquista causaram danos estruturais à Central de Interpretação de Libras (CIL), levando a sua interdição. Com isso, foi necessário alterar o local da coleta de dados para o serviço de psicologia da UFBA e iniciar busca ativa por tradutores intérpretes voluntários para auxiliar na condução das entrevistas.

A tradutora intérprete Ma. Maria Antonieta Tigre, ofereceu suporte ao projeto se disponibilizando para a realização das traduções e análise dos dados coletados. Entretanto, após seu falecimento no início do mês de abril foi necessário adaptar o projeto retornando a coleta para a CIL que retomou seu funcionamento em um novo espaço.

Em pesquisas futuras, sugere-se que sejam abordadas as díades pai-filho, mãe filho e irmãos. A elaboração do luto e adaptação frente ao diagnóstico não acontece da mesma forma para todos os membros. Esses fatores fazem com que figuras assumam a responsabilidade de

cuidado exercendo o papel mediador entre a pessoa surda e os demais membros da família. Essas características apontam para campos de investigação importantes nesse ambiente que fornecem uma visão ampla das relações familiares.

Além disso, indica-se que pesquisas conduzidas com a população surda sejam realizadas ou contem com a colaboração de profissionais surdos ou bilíngues. Enquanto comunidade, o povo surdo possui hábitos, crenças e costumes que precisam ser levados em consideração ao longo das investigações de maneira a realizar pesquisas, de modo ético garantindo a fidedignidade dos dados e reduzindo riscos relativos ao conforto e sigilo dos participantes.

O produto técnico tecnológico (PTT) cumpre as exigências da CAPES para a conclusão do mestrado profissional com a proposta de uma tecnologia social elaborada a partir da análise dos resultados da pesquisa (4). A proposta de orientação parental para pais ouvintes de filhos surdos proporciona uma aproximação da realidade das demandas e adaptações ao diagnóstico. Além disso, permite a troca de experiências entre participantes e profissionais possibilitando o acolhimento e orientação adequados.

A presente pesquisa possibilitou a produção de conhecimento sobre uma área relevante e pouco explorada. O produto técnico proposto pretende apresentar elementos que ainda são pouco explorados no sentido de acolher as demandas identificadas e ao longo da pesquisa no contato com participantes e profissionais da área. Abordando questões da intersecção dos desafios da adolescência e surdez, possibilita o fortalecimento das relações parentais e práticas positivas de cuidado.

Espera-se que esse estudo incentive a realização de pesquisas na área, possibilitando a construção de tecnologias de suporte à comunidade surda e elaboração de Políticas Públicas, assim como da formação de profissionais bilíngues nas diferentes áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (3a ed., L. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70.

Bisol, C. & Sperb, T. M. (2010). Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psic.: Teor. e Pesq.*
<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100002>

Bisol, C. A., & Valentini, C. B. (2011). *Surdez e Deficiência Auditiva -qual a diferença?*
Com.br. Recuperado 26 de outubro de 2022, de

http://grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf

Brasil. Ministério da Saúde (2012). Secretaria de Direitos Humanos da República. Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência. Brasília: Ministério da Saúde.

Brasseur, S., Grégoire, J., Bourdu, R., & Mikolajczak, M. (2013). The Profile of Emotional Competence (PEC): development and validation of a self-reported measure that fits dimensions of emotional competence theory. *PloS One*, 8(5), e62635.

<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0062635>

Brice, P. J., & Strauss, G. (2016). Deaf adolescents in a hearing world: a review of factors affecting psychosocial adaptation. *Adolescent health, medicine and therapeutics*, 67-76.

Brito, A. M. W. & Dessen, M. A. (1999). Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicol. Reflex. Crit.* 12(2), 429-445. ISSN 0102-7972.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000200012>

Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: Research models and fugitive findings. Em E. Wozniak & R. Fischer (Orgs.), *Development in context: Acting and thinking in specific environments* (p. 3–44). Erlbaum.

Campache, J. J., Lima, M. C. M. P., & Françoço, M. D. F. C. (2019). Adolescência e surdez: vivências e expectativas de mães ouvintes e de filhos surdos. *Distúrbios da Comunicação*, 31(2), 297–307.

<https://doi.org/10.23925/2176-2724.2019v31i2p297-307>

Centrais de Interpretação de Libras. ([s.d.]). Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Recuperado 15 de setembro de 2022, de

<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/pessoa-com-deficiencia/acoes-e-programas/centrais-de-interpretacao-de-libras>

Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de Pesquisa*. Editora da UFRGS.

Guarinello, A. C. (2000). A influência da família no contexto dos filhos surdos. *J. Bras. Fonoaudiol.*, Curitiba, v. 3, pp. 28-33, 2000.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico*.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/pesquisa/23/23612?detalhes=true>

Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Presidência da República.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.html

Lacerda, C. B. F & Nascimento, L. C. R. (2017). Aquisição de Linguagem: Refletindo sobre a Criança Surda e a Língua de Sinais. In: LACÔNICA, D. A. C. et al. (ong) *Tratado de linguagem: perspectivas contemporâneas*. Ribeirão Preto: Booktoy, cap.6, pp. 5-10.

Lobo, M.C. (2016). Adolescente surdo e os conflitos da idade: o olhar da Psicologia. *Revista NEP*, Curitiba, 2(5), pp. 132-143

Marchesi, A. (1996). Comunicação, linguagem e pensamento. Em C. Call, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (pp.200-216). Porto Alegre: Artes Médicas.

Mascarenhas, L. T. (2016). *Encontros Entre Surdos e Ouvintes na Escola Regular – Desafiando Fronteiras*, Rio de Janeiro: EdUFF.

Organização Mundial da Saúde (2021). *Deafness and hearing loss*, Genebra: World Health Organization.

<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/deafness-and-hearing-loss>

Pires, H. F., & Tigre Almeida, M. A. P. (2016). A percepção do surdo sobre o atendimento nos serviços de saúde. *Revista Enfermagem Contemporânea*, 5(1).

<https://doi.org/10.17267/2317-3378rec.v5i1.912>

Reis, V. S. L. & Santos, A. M. (2019). Conhecimento e experiência de profissionais das Equipes de Saúde da Família no atendimento a pessoas surdas. *Revista CEFAC*, 21(1), 01-08. <https://doi.org/10.1590/1982-0216/20192115418>

- Santos, S. F., & Molon, S. I. (2016). Preconceito e bullying na constituição de uma professora de libras: experiências de uma surda. *Revista Educação Especial*, 29 (56), 723. <https://doi.org/10.5902/1984686x20179>
- Santos, F. & Silva, J. P. (2019). Ansiedade entre as pessoas surdas: um estudo teórico. *Arq. bras. psicol.* 71(1), 143-157. ISSN 1809-5267. <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i1p.143-157>
- Santos, M. V., Silva, T. F., Spadari, G. F., & Nakano, T. C. (2018). Competências Socioemocionais: Análise da Produção Científica Nacional e Internacional. *Gerais*, 11(1), 4–10. <https://doi.org/10.36298/gerais2019110102>
- Senna, S. R. C. M. & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 101-108.
- Skliar, C. A. (1998). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação. 192.
- Stevenson, J., Pimperton, H., Kreppner, J., Worsfold, S., Terlektsi, E. & Kennedy, C. (2017). Emotional and behaviour difficulties in teenagers with permanent childhood hearing loss. *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, 101, 186–195. <https://doi.org/10.1016/j.ijporl.2017.07.031>
- Strobel, K. (2016). *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- Thomaz, M. M.; Milbrath, V. M. M; Gabatz, R. I. B.; Freitag, V. L.; Vaz, J. C.; (2020). Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva. *CoDAS*, 32(06), 01-06. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20202019147>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas, Campinas*, 22(44), 203-220. doi: 10.20396/tematicas.v22i44.10977

APÊNDICE A - Questionário sociodemográfico critério brasil (2020) e formulário complementar para caracterização da amostra.

1. **Aplicador:** _____

2. **Data da aplicação do questionário:** ___ / ___ / ___

3. **Nome:** _____

4. **Data de nascimento:** ___ / ___ / ___

5. **Cidade de residência/UF:**

6. **Sexo:** () Masculino () Feminino

7. **Raça/Cor:** () Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena

8. **Nível de escolaridade:**

() Não alfabetizada(o).

() Sabe ler e escrever.

() Ensino Fundamental I completo (1° à 5° série).

() Ensino Fundamental II completo (6° à 9° série).

() Ensino Médio completo.

() Profissionalizante.

Ensino Superior:

() Especialização.

() Mestrado.

() Doutorado.

() Pós-doutorado.

() Outro: _____.

9. **Qual a profissão do cuidador principal?** _____.

10. **Qual a renda familiar mensal (considerando o salário mínimo de XXXX)?**

() Até 1 salário mínimo por pessoa.

() Mais de 1 a 2 salários mínimos por pessoa.

() Mais de 3 a 5 salários mínimos por pessoa.

Mais de 5 a 10 salários mínimos por pessoa.

Mais de 10 a 20 salários mínimos por pessoa.

Mais de 20 salários mínimos por pessoa.

11. Classificação dos graus de surdez:

Surdez leve

Surdez moderada

Surdez severa

Surdez profunda

12. Com que idade perdeu a audição? _____.

13. Qual é a forma mais utilizada na comunicação?

Língua Brasileira de Sinais.

Mímica.

Escrita.

Outros: _____.

14. Algum outro membro da família é surdo?

Avô/ Avó.

Irmão(a).

Tio(a).

Primo(a).

Outro: _____.

Não.

15. Quais membros da família se comunicam por libras?

Avô/ Avó.

Irmão(a).

Tio(a).

Primo(a).

Outro: _____.

Nenhum.

16. Com que idade ele (a) começou a aprender libras? _____.

17. Onde começou a aprender libras?

- Na escola.
- Em casa.
- Em uma associação de surdos.
- Outro: _____.

18. Qual é a causa da surdez?

- Origem familiar (surdez hereditária).
- Durante a gravidez (surdez congênita).
- Por doenças ou complicações durante o parto (adquirida).
- Não sei.

APÊNDICE B - Entrevista semiestruturada.

1. Aplicador: _____

2. Data da aplicação do questionário: ___ / ___ / ___

3. Nome: _____

4. Data de nascimento: ___ / ___ / ___

5. Cidade de residência/UF:

6. Sexo: Masculino Feminino

7. Raça/Cor: Branca Preta Parda Amarela Indígena

8. Nível de escolaridade:

- Não alfabetizada(o) Sabe ler e escrever Ensino Fundamental I completo (1° à 5° série) Ensino Fundamental II completo (6° à 9° série) Ensino Médio completo Profissionalizante.

9. Qual é a forma mais utilizada na comunicação em casa?

- Língua Brasileira de Sinais Mímica Escrita Outros: _____.

ROTEIRO:

Sobre comunicação familiar.

1. Como acontece a comunicação entre as pessoas que moram na sua casa?
2. Como você expressa suas necessidades às pessoas que moram na sua casa?
3. Em casa, você consegue compreender quando seus familiares falam com você?
Descreva uma situação.

Sobre emoções.

4. Como você expressa o que está sentindo para os seus pais?
5. Como você expressa o que está sentindo para seus irmãos?
6. Como você expressa o que está sentindo para outros familiares?
7. Você consegue dizer quando algo te deixa feliz ou animado? Em que situações?
8. Você consegue dizer quando algo te deixa triste ou com raiva? Em que situações?
9. Você consegue perceber quando alguém está feliz ou animado? Como?
10. Você consegue perceber quando alguém está triste ou com raiva? Como?
11. Você consegue dizer como os outros estão se sentindo? Descreva uma situação.
12. O que você costuma fazer quando algo te incomoda muito?
13. O que você faz quando percebe que alguém não está emocionalmente bem?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Título do Estudo: O papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos filhos de pais ouvintes.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: “O papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos filhos de pais ouvintes” desenvolvida por Gabriel Pereira Mendes, discente do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde do Instituto Multidisciplinar de saúde – UFBA/IMS-CAT, sob orientação da Professora Edi Cristina Manfroi. Caso haja alguma palavra ou frase que o (a) senhor (a) não consiga entender, converse com o pesquisador responsável pelo estudo ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecê-los.

A proposta deste termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) é explicar tudo sobre a pesquisa e solicitar a sua permissão para que os resultados sejam publicados em meios científicos como revistas, congressos e/ou reuniões científicas de profissionais da saúde ou afins.

A surdez é uma característica diferencial no desenvolvimento humano. As informações não chegam para um bebê surdo da mesma forma que chega para um ouvinte se as pessoas ao seu redor não usarem alguma língua gestual como a libras. Esse obstáculo pode fazer com que as interações entre a pessoa surda e sua família se tornem difíceis, assim como trocas afetivas importantes.

O objetivo central desta pesquisa é: Compreender o papel das interações familiares entre pais ouvintes e adolescente surdo no seu desenvolvimento socioemocional.

O convite a sua participação se deve: Estar dentro dos critérios de seleção de participantes para a pesquisa que são: Adolescentes surdos de 12 a 18 anos, filhos de pais ouvintes do município de Vitória da Conquista -BA e usuários da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Confidencialidade e a privacidade: Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro. A qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao fim desse Termo.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas.

Procedimentos: A participação consistirá na aplicação de um questionário com os pais composto por questões abordando idade, sexo, escolaridade, renda e características da surdez do participante como grau da perda auditiva. Com o adolescente será conduzida uma

entrevista individual abordando questões como a comunicação no ambiente familiar e sobre suas emoções. O tempo estimado para a duração da entrevista é de 50 minutos.

O procedimento será gravado em áudio e vídeo para transcrição do conteúdo a ser utilizado na pesquisa e o material será armazenado em local seguro. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12.

Benefícios: Como resultado da pesquisa, será elaborado material de orientação com caráter psicoeducativo, em linguagem acessível, para familiares ouvintes sobre o diagnóstico e desenvolvimento do sujeito surdo oferecendo alternativas e possibilidades de intervenção que possibilitem a família ser fator de proteção da saúde mental do sujeito surdo. É esperado também que, como resultado, seja reforçada a necessidade de intervenções precoces em serviços de saúde mental como a condução de grupos de apoio a familiares/cuidadores de pessoas com deficiência auditiva onde a troca de experiências pode ser positiva na construção de estratégias específicas para o contexto da comunidade de Vitória da Conquista- BA.

Assim que o material estiver pronto, entraremos em contato para apresentá-lo a você. A cartilha será disponibilizada em cópia digital através do mesmo contato em que foi realizado o convite, assim como uma cópia impressa desse mesmo material.

Riscos: As entrevistas podem gerar desconforto aos participantes por abordarem temas que podem ser sensíveis. Além disso, a coleta de dados será gravada na presença de um intérprete tradutor de Libras. Para que os riscos mencionados sejam minimizados, as entrevistas ocorrerão em espaço privado, garantindo a privacidade e evitando interferências externas somente após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis e termo de assentimento para os adolescentes participantes. O pesquisador é psicólogo e disponibilizará um espaço de escuta e acolhimento que serão disponibilizados ao fim de cada entrevista sem que haja registro de gravação caso seja necessário.

A entrevista pode ser interrompida a qualquer momento, sem que haja nenhum tipo de prejuízo para o participante.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa: Os resultados serão divulgados em meios científicos como revistas, congressos e/ou reuniões científicas de profissionais da saúde, artigos científicos e na dissertação/tese de mestrado do pesquisador.

É garantido ao Sr.(a), o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o relato de caso e suas consequências, enfim, tudo o que o(a) Sr.(a) queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Caso o(a) Sr.(a) tenha dúvidas, poderá entrar em contato com os pesquisadores abaixo a qualquer tempo:

- Gabriel Pereira Mendes no telefone: (77) 98856-0599, e-mail: mendesgabriel.psi@gmail.com, ou pelo endereço: Rua Hormindo Barros, 58, Quadra 17, Lote 58, Bairro Candeias, CEP: 45.029-094, Vitória da Conquista – BA, Brasil.
- **Profa. Dra. Edi Cristina Manfroi** no telefone (77) 3429-2700 e no endereço: Rua Hormindo Barros, 58, Quadra 17, Lote 58, Bairro Candeias. Instituto Multidisciplinar em Saúde – IMS-CAT, 3º andar – Sala 330, Vitória da Conquista - BA.

- **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal da Bahia (IMS-CAT)** no telefone (77) 3429-2720, na Rua Hormindo Barros, 58, Quadra 17, Lote 58, Bairro Candeias, CEP 45.029-094, Vitória da Conquista – BA, Brasil.

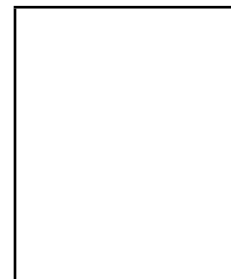
Esse termo é assinado em duas vias, sendo uma do(a) Sr.(a) e a outra para os pesquisadores.

Autorização:

Eu _____
declaro que fui informado dos objetivos e finalidades do estudo “**O papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos**”. Li e entendi as informações. Tive oportunidade de fazer perguntas e tirar minhas dúvidas. Este formulário está sendo assinado voluntariamente e concordo em participar do estudo até que eu decida o contrário, bem como autorizo a divulgação e publicação das informações que dei, exceto os meus dados pessoais, em eventos e publicações científicas. Sendo assim, assino este documento, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob minha responsabilidade e a outra via com o pesquisador.

Vitória da Conquista – Ba _____ de _____ de 2023

Assinatura do Responsável



Eu, Gabriel Pereira Mendes, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

_____ Assinatura do pesquisador	Data: ____/____/____
---	-----------------------------

APÊNDICE D - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa: o papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos filhos de pais ouvintes. Neste estudo temos como objetivo: compreender o papel das interações familiares entre pais ouvintes e adolescentes surdos no seu desenvolvimento.

Para participar deste estudo você precisará participar de uma entrevista com questões sobre sua experiência na comunicação com outras pessoas da família e sobre suas emoções e como lida com elas. Você foi escolhido(a) em participar porque ajudará a entender mais sobre estas questões.

Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Para participar deste estudo, o seu responsável deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento. Você (ou o seu responsável) poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem qualquer tipo de prejuízo. A sua participação é voluntária e os pesquisadores garantem que irão tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

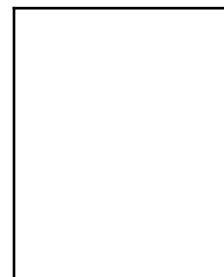
Este termo encontra-se impresso em duas vias e uma delas será arquivada pelos pesquisadores responsáveis, e a outra será fornecida a você.

Autorização:

Eu _____
declaro que fui informado dos objetivos e finalidades do estudo “**O papel das interações familiares no desenvolvimento socioemocional de adolescentes surdos**”. Li e entendi as informações. Tive oportunidade de fazer perguntas e tirar minhas dúvidas. Este formulário está sendo assinado voluntariamente e concordo em participar do estudo até que eu decida o contrário, bem como autorizo a divulgação e publicação das informações que dei, exceto os meus dados pessoais, em eventos e publicações científicas. Sendo assim, assino este documento, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob minha responsabilidade e a outra via com o pesquisador.

Vitória da Conquista – Ba _____ de _____ de 2023

Assinatura do participante da pesquisa



Eu, Gabriel Pereira Mendes, declaro cumprir as exigências contidas nos itens IV.3 e IV.4, da Resolução nº 466/2012 MS.

<hr/> <p>Assinatura do pesquisador</p>	<p>Data: ____ / ____ / ____</p>
---	--